

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Especialização em Elaboração, Gestão e Avaliação De Projetos Sociais em Áreas Urbanas

Jorge Sebastião dos Santos

CULTURA PARA QUE?
A IMPORTÂNCIA SOCIAL DOS PROJETOS CULTURAIS

Belo Horizonte
2008

Jorge Sebastião dos Santos

CULTURA PARA QUE?
A IMPORTÂNCIA SOCIAL DOS PROJETOS CULTURAIS

Monografia apresentada ao Centro de Capacitação e Pesquisa em Projetos Sociais do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais em Áreas Urbanas.

Orientadora: Prof.a Dr.a Corine Davies Rodrigues

Belo Horizonte
2008

301	Santos, Jorge Sebastião dos.
S237c	Cultura para que? [recurso eletrônico] : a importância social dos projetos culturais / Jorge Sebastião dos Santos. - 2008.
2008	1 recurso online (73 f.) : pdf Orientadora: Corinne Davis Rodrigues.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais em áreas Urbanas - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Cultura. 2. Cultura popular. 3. Terceiro setor. I. Rodrigues, Corinne Davis. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia e Antropologia
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha
31.270-901 - Belo Horizonte - MG


ESPECIALIZAÇÃO EM ELABORAÇÃO, GESTÃO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS SOCIAIS EM ÁREAS URBANAS

ATA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO FINAL

Atesto, como professora orientadora e para fins de registro e documentação do Curso de Especialização em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais em Áreas Urbanas do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, que JORGE SEBASTIÃO DOS SANTOS – matrícula 2006240026, obteve aprovação de seu trabalho monográfico intitulado **“Cultura para que? A importância social dos projetos culturais”**.

Este trabalho foi por mim considerado ótimo e o aluno tendo cumprido com êxito seus créditos, encontra-se apta a receber o título de Especialista em Elaboração, Gestão e Avaliação de Projetos Sociais em Áreas Urbanas.

Belo Horizonte, 30 de julho de 2008


Prof. Dra. Corinne Davis Rodrigues

Orientador


Prof.ª. Dra. Danielle Cireno Fernandes

Coordenadora – Curso Especialização em Elaboração, Gestão
E Avaliação de Projetos Sociais em Áreas Urbanas

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus filhos Gercine, Charlie, Jahi Amani e Dandara, aos discípulos aprendizes Rogério Marques da Cruz, Hélio Félix, Sofia Coutinho, Jackson Clayderman e Geraldo Magela (Gê), cuja dedicação à cultura e talento musical são exemplares, e a todos aqueles que se esforçam para tornar a nossa sociedade mais justa e fraterna.

Agradecimentos

Externo aqui os meus sinceros agradecimentos ao Criador, a quem devo a vida; à minha família, pelo incentivo; a Helena, pelo carinho e companheirismo nas horas agradáveis e difíceis; a Marcos Túlio Damascena e família, cuja energia positiva flui como uma luz que ilumina corações e mentes, pelo apoio incondicional e amizade sincera; a Íris Irene de Oliveira Nascimento (“Tia” Íris), pelo incentivo e raro altruísmo; à Fundação Universitária Mendes Pimentel, sem cujo subsídio não teria sido possível a conclusão de mais esta etapa acadêmica; aos colegas, com quem dividi um tempo precioso de minha vida; aos funcionários da Fafich, sempre atenciosos; aos professores e demais profissionais responsáveis pelo Curso; às entidades estudadas e seus respectivos membros, usuários e gestores, bem como aos profissionais da 30ª. Delegacia Regional de Polícia Civil em Sabará. A todos os que direta ou indiretamente colaboraram com esta conquista sou muito obrigado.

“As pessoas se reconhecem pela cultura que ostentam” (Alexandre Machado, jornalista).

Resumo

O presente estudo enfoca as ações culturais desenvolvidas por seis entidades na cidade mineira de Sabará, cujos objetivos visam em alguma medida à inclusão social de seus beneficiários. Através de uma criteriosa análise de dados colhidos em campo, constituídos por depoimentos, relatórios de atividades das entidades e questionários, busca-se entender qual a importância dessas ações para os envolvidos – empreendedores e clientes – e para as comunidades atendidas, bem como se tais ações geram benefícios para os participantes e quais os benefícios percebidos por eles.

Palavras-chave: Cultura. Cultura popular. Terceiro Setor

Summary

The present study focuses the cultural actions developed by six entities in the city of Sabará, Minas Gerais, Brazil, whose objectives seek in some way social inclusion to their beneficiaries. Through a discerning analysis of interviews, reports of activities of the entities and questionnaires, it seeks to understand the importance of those actions for those involved them - entrepreneurs and customers - and for the assisted communities, as well as if such actions generate benefits for the participants and which benefits are noticed by them.

Keywords: Culture. Popular culture. Third sector..

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 Sobre a noção de exclusão social.....	13
2.2 Sobre o conceito de cultura.....	19
2.3 Sobre a arte.....	23
3 MATERIAIS E METODOLOGIA.....	26
4 RESULTADOS.....	29
4.1 Sabará.....	29
4.2 Os Tambores Gerais.....	32
4.3 A “Ação Faça Uma Família Sorrir”.....	37
4.4 Fica Vivo!.....	41
4.5 Um Jeito Diferente de Ler o Mundo: a Borrachaloteca de Sabará.....	44
4.6 A Orquestra Jovem Santa Cecília.....	50
5 CONCLUSÕES.....	59
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE.....	68

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a Região Metropolitana de Belo Horizonte tem sido palco de inúmeras iniciativas populares que têm como objetivo promover a inclusão social de crianças, adolescentes e jovens carentes, oferecendo desde atividades artísticas a cursos profissionalizantes, de línguas, de informática, práticas comerciais e pré-vestibulares como alternativa à insuficiência ou ausência de políticas públicas específicas nesse sentido. Parte dessas iniciativas é realizada por organizações não-governamentais (ONGs) especializadas em captar recursos públicos através de diversos mecanismos existentes (convênios, leis de incentivo à cultura) e cujos resultados nem sempre são publicados de forma abrangente, pelo que as informações acerca dos impactos reais dessas ações para a efetiva inclusão dessas pessoas são ainda bastante restritas. Um exemplo interessante de como essas iniciativas têm efetuado mudanças conceituais importantes nas relações sociais de determinados grupos de indivíduos está o fato de que muitos dos meninos e meninas que pediam esmola nos sinais de trânsito de Belo Horizonte, gerando certo desconforto aos motoristas e uma sensação de impotência nos mais bem-intencionados, após a oferta de oficinas e cursos de arte circense por ONGs na Capital passaram a utilizar esses conhecimentos para realizar pequenas performances nos sinais, recolhendo depois as contribuições como *artistas*, o que pode representar uma mudança de *status* que encerra implicações psicológicas, sociais e culturais cuja compreensão requer uma análise mais cuidadosa.

O elevado número de projetos inscritos nos últimos anos na Secretaria de Estado da Cultura visando o benefício da Lei de Incentivo à Cultura e Fundo Estadual de Cultura, bem como os crescentes valores disponibilizados, levam a inferir que tais ações têm encontrado suficiente respaldo na sociedade e no próprio Estado, cujos pré-requisitos para liberação de recursos financeiros para tais atividades tornaram-se mais restritivas dadas as limitações impostas pela legislação de controle de gastos públicos. A Secretaria Executiva da Lei Estadual de Incentivo à Cultura recebeu, entre os anos 1998-2001, 4572 projetos, uma média anual de 1143, com aprovação de 452 em média por ano. Os recursos destinados o Fundo Estadual de Cultura, criado em 2007, saltaram de R\$14.500.000,00 no primeiro ano

para R\$24.500.000,00 em 2008¹, uma elevação de 68,96%. Diversas cidades, como Belo Horizonte, Betim e Itabirito também criaram nas últimas décadas suas leis de incentivo cultural, como políticas públicas de fomento à produção, ao resgate e à manutenção de manifestações culturais nessas cidades. Várias dessas iniciativas têm um viés social (ou assistencial) bastante evidente, sendo que algumas entidades do setor chegam a incluir em seus estatutos a assistência social como finalidade. Dentre as muitas iniciativas dessa ordem existentes na região metropolitana de Belo Horizonte muitas têm entre seus objetivos a promoção da inclusão social, ao passo que dentre projetos assistenciais em execução muitas das atividades realizadas – principalmente para o público juvenil – são de cunho cultural, o que pode caracterizar a existência de um senso comum acerca da relação entre a cultura e as questões sociais, com a vinculação da participação em atividades culturais com alguma forma de desenvolvimento social.

Sabará, cidade de 120.770 habitantes situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, é um exemplo. Em novembro de 2007, quando se iniciou este estudo, a cidade contava com quatro grupos de percussão, uma orquestra juvenil, uma biblioteca pública e outra comunitária, um museu regional, uma orquestra experimental, vários grupos de capoeira, cinco bandas de música, três grupos de “marujos”, dois de folia-de-reis, pelo menos três corais em atividade, além de outros não contabilizados de samba, *hip-hop* e outras linguagens artísticas, levados a efeito por organizações da sociedade civil ou indivíduos com algum interesse pessoal, a maioria com algum apoio – ainda que informal – de políticos e dos órgãos municipais.

Um tão vasto repertório de manifestações culturais, muitas das quais resultantes de projetos ditos “socioculturais”, pode ser um indício da importância atribuída por seus idealizadores, realizadores e apoiadores à cultura enquanto instrumento de transformação social, manutenção da paz e valorização da vida, cujas implicações pretende-se compreender, prestando assim uma contribuição aos processos de elaboração, gestão e avaliação de projetos dessa natureza.

A partir dessas observações entendeu-se ser prudente indagar qual o significado da cultura para a sociedade e qual a importância da execução de projetos culturais para as sociedades urbanas no atual contexto de individualismo e desagregação social, de crise identitária e desestruturação familiar que se observa cotidianamente. Nessa perspectiva este

¹Ver SANTANA, Sylvana de Castro Pessoa & SOUZA, Nícia Raies Moreira de Souza. Luzes da Ribalta: em cena o incentivo empresarial à cultura mineira. In: Cadernos CEHC - Série Cultura nº 11. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2004 (disponível no sítio www.cultura.mg.gov.br/AcaoCultural/Arquivos/Luzes-da-ribalta.pdf)

estudo visa identificar, embora sem a devida profundidade dadas as limitações impostas pelo tempo, fatores relevantes para a avaliação desses projetos, traçando um panorama das relações sociais mediadas pelas manifestações culturais e suas possíveis contribuições para a geração de bem estar social. Para tanto tomar-se-ão por base algumas ações desenvolvidas na cidade de Sabará, quais sejam a Oficina Tambores Gerais, a *Borrachaloteca*, a Associação Faça Uma Família Sorrir (AFFAS), a Orquestra Juvenil Santa Cecília e o Programa “Fica Vivo!”.

O presente estudo representa um sincero esforço para o entendimento das ações levadas a efeito a partir de projetos que, ao promover ações culturais para públicos diversos, buscam interferir de alguma maneira nos problemas que afetam os indivíduos em determinadas sociedades, tais como exclusão, discriminação, educação insuficiente, reduzido acesso a aparelhos públicos, à educação superior, à informação de qualidade etc.

O Capítulo I deste trabalho centrar-se-á na conceituação dos temas referentes ao objeto de estudo, revisando a literatura disponível sobre cultura, arte, pobreza e exclusão social, definindo o referencial de pesquisa, a metodologia e as fontes consultadas. No Capítulo II serão abordados os projetos e ações selecionados analisando-se seus discursos e suas práticas, bem como os processos de apreensão desses discursos por seu público alvo, a que fim prestam-se suas atividades e quais as suas implicações para o tratamento das questões sociais. No Capítulo III serão apresentadas as conclusões resultantes deste estudo, interpretando-se os dados e informações do Capítulo II à luz dos referenciais expressos no Capítulo I, explicitando-se sua importância para o entendimento das relações sociais nas sociedades urbanas atuais.

Não se tendo a pretensão de esgotar aqui a discussão acerca da relação cultura/sociedade, ao buscar-se um maior entendimento sobre tema assaz instigante e complexo pretende-se prestar uma contribuição aos profissionais que atuam na elaboração e na gestão de projetos, programas e políticas públicas de interesse social.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo a definição clássica, *projetos* são empreendimentos finitos que têm objetivos claramente definidos em função de um problema, oportunidade ou interesse de uma pessoa, grupo ou organização (MAXIMIANO, 1997:20). Um *projeto* é concebido para resolver-se um *problema*, seja ele qual for e sua existência está ligada à daquele; se acaba o problema o projeto perde sua razão de ser, assim como quando se mostra incapaz de resolvê-lo, abrindo espaço para que seja elaborado um novo projeto. Sendo assim, podem-se entender os projetos sociais ou culturais como empreendimentos planejados para solucionar problemas de ordem social ou cultural.

Por essa definição o projeto deve ter uma duração determinada, condicionada à existência do problema que se propõe resolver. No entanto, o projeto pode tanto chegar ao seu ocaso ao fim de um dado período quanto tornar-se permanente, mesmo inexistindo então o problema inicial. Nesse caso passa de *projeto* a *ação*, como é o caso de muitas iniciativas como as abordadas neste estudo.

A partir das indagações sobre o significado da cultura para a sociedade e a importância da execução de ações culturais para a comunidade, vislumbrando que essas ações possam ser baseadas em grande parte nas referências culturais de seus empreendedores, para se analisarem projetos [e ações] focados na inclusão social e baseados no oferecimento de bens culturais a públicos específicos faz-se mister uma reflexão cuidadosa sobre os conceitos de exclusão/inclusão social, cultura e arte.

2.1 Sobre a noção de exclusão social

A exclusão social tem ocupado cada vez mais os estudiosos de diversas correntes. Economistas, historiadores, sociólogos, psicólogos e educadores têm realizado importantes estudos sobre o tema, que tem sido apontado com um entrave significativo ao crescimento dos países menos desenvolvidos.

A noção de exclusão social tornou-se familiar no cotidiano das mais diferentes sociedades. Conforme informa Mariangela Belfiore WANDERLEY (1997), “(...) *Mendigos, pedintes, vagabundos, marginais povoaram historicamente os espaços sociais construindo universos estigmatizados que atravessaram séculos (...)*”. A mesma autora atribui a invenção dessa noção, em sua dimensão sociológica, a René LENOIR em 1974¹. *Embora a ênfase das análises sobre a exclusão seja em geral dada ao viés econômico da exclusão como fenômeno intrínseco às relações de mercado, variados são seus matizes, bem como inúmeras as situações, processos e categorias que a noção engloba. Nesse sentido WANDERLEY aponta que*

“(...) mesmo os estudiosos da questão concluem que, do ponto de vista epistemológico, o fenômeno da exclusão é tão vasto que é quase impossível delimitá-lo. Fazendo um recorte ‘ocidental’ poder-se-ia dizer que ‘excluídos são todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores’ (XIBERRAS, 1993;21). Na verdade existem valores e representações do mundo que acabam por excluir as pessoas..² (1999:17)”

A exclusão é um tema recorrente nas Ciências Sociais, com uma profusão de trabalhos significativos sobre o fenômeno levados a efeito principalmente no decorrer dos anos 1990 e até os dias atuais. Diretamente relacionada com a pobreza (NASCIMENTO, 1995:24) universo no qual desfilam termos como *desqualificação*, assim entendido o processo relacionado a fracassos e sucessos da integração, entendido tanto como “produto de uma construção social” quanto “problema de integração normativa e funcional de indivíduos [...]” (Paugam, 1991, 1993), inverso da integração social; *desinserção* (Gaujelac

¹ LENOIR, René. *Les Exclus*. Paris: Le Souil, 1974.

² Grifo nosso.

e Leonetti,1994), outro processo inverso da integração por questionar a própria existência de indivíduos sociais, sem relação imediata entre desinserção e pobreza¹ e *desafiliação* (ou *desfiliação*), definido por Robert CASTEL como “*ruptura de pertencimento, de vínculo societal*”:

“O que chamei de *desafiliação* não é o equivalente necessariamente a uma ausência completa de vínculos, mas à ausência de inscrição do sujeito em estruturas que têm um sentido” (CASTEL, 1995:416)².

A noção de exclusão que CASTEL evoca difere em essência da que tem sido comumente adotada. Para esse autor *exclusão* refere-se a um conjunto de procedimentos oficiais que visam a segregar uma determinada categoria de pessoas, a partir de procedimentos próprios para tal fim utilizados. Ilustrativamente, poder-se-ia afirmar com segurança que os “intocáveis” são excluídos no contexto da sociedade indiana, bem como as sociedades escravagistas repousam na *exclusão* ao manter “*a parte laboriosa da população numa posição de alteridade total, de ausência completa de direitos e de reconhecimento social*” (CASTEL, 2003: 37). Os procedimentos de exclusão do passado nas sociedades ocidentais vitimaram a leprosos e loucos, ciganos, judeus, negros, indígenas e outros grupos étnicos e religiosos que por alguma razão não deveriam participar dos processos sociais. Dentre as variadas práticas de exclusão CASTEL destaca três subconjuntos principais. Em primeiro lugar vem o que realiza a *supressão completa da comunidade*, seja por expulsão (judeus, mouros ibéricos), banimento, condenação à morte (heréticos, criminosos e sediciosos) e genocídio. Em seguida vem o que consiste na *construção de espaços fechados e isolados da comunidade* no seio mesmo da comunidade: guetos³, “asilos” para os loucos, “sanatórios” para os tuberculosos, “dispensários” para os leprosos, “prisões” para os criminosos. A terceira modalidade de exclusão consiste em

¹ Sua dimensão simbólica é ressaltada por esses autores que entendem que “*é o sistema de valores de uma sociedade que define os ‘fora de norma’ como não tendo valor ou utilidade social, o que conduz a tomar a desinserção como fenômeno identitário na articulação de elementos objetivos e elementos subjetivos*”. Apud WANDERLEY,1999:21.

² Castel propõe noções como precarização, vulgarização e marginalização para dar conta dos processos específicos que a seu ver devem ser estudados, “procedendo-se a uma distinção cuidadosa dos processos de exclusão daqueles outros componentes constituintes da questão social contemporânea, na sua globalidade” (WANDERLEY, 1999:22).

³ Dos quais Soweto, na África do Sul, foi um exemplo gritante até os anos 1990.

conferir a certas categorias da população *um status especial que lhes permita coexistir na comunidade*, porém privadas de certos direitos e da privação em determinadas atividades sociais¹.

A exclusão apresenta sob essas modalidades traços comuns, caracterizando uma condição específica que repousa sobre regras, mobiliza aparelhos especializados e se completa por meio de rituais, passando por procedimentos cuja legitimidade é atestada e reconhecida pelos que ditam tais procedimentos. A legitimidade da prática, uma vez baseada em regras definidas pela lei ou pelo costume, justifica então sua existência para a comunidade que adota, embora possam ser execradas por outras e mesmo por alguns dentro da própria sociedade².

Nessa perspectiva a exclusão seria, assim, o desfecho de procedimentos discriminatórios oficiais, configurando um *status* definido com base em fatores específicos, não sendo necessariamente arbitrária nem acidental por emanar de uma *ordem de razões proclamadas* (2003:41). Pode-se evidentemente discordar de CASTEL no tocante à não arbitrariedade da exclusão, mas este não é o tema central desta abordagem. Nessa perspectiva, os conjuntos de procedimentos por ele explicitados podem bem exprimir a noção de exclusão que pode ser observada em sociedades e períodos distintos ao longo da história, persistindo em alguns casos até a atualidade.

Com base nessas considerações, no que tange às questões que afligem as sociedades urbanas atuais seria então mais correto falar-se de *precarização*, *vulnerabilização* ou *marginalização* ao invés de *exclusão*, já que de modo geral os ditos “excluídos” não são colocados nessa situação através de procedimentos oficialmente definidos. Embora as duas primeiras modalidades de exclusão mostrem-se cada vez menos propensas a ocorrer, o terceiro tipo citado – atribuição de um *status* especial a certas categorias da população – pode ser uma ameaça real na conjuntura atual, principalmente no caso das políticas de inserção que visam compensar as desvantagens sofridas por algumas categorias sociais (acesso ao trabalho, à educação, à renda digna etc.) e que, apesar de seu caráter positivo podem ser apropriadas de forma negativa enquanto procedimentos discriminatórios que são.

¹ Nesse tipo específico pode ser entendida a privação do direito de voto às mulheres [e analfabetos] no plano político, ao não reconhecimento à cidadania nacional a grupos étnicos em países do oriente médio ou a situação particular dos indígenas no Brasil até 1988, e de certa forma até os dias atuais.

² Tanto é que nem todos os alemães concordaram com a “Solução Final”, assim como nem todos os brancos da África do Sul ou dos EUA mantiveram-se fiéis a suas versões específicas de apartheid que vigoraram nesses países.

De qualquer modo, essa é uma discussão que ficará para outro momento. Os termos propostos por CASTEL para dar conta das atribuições por que passa uma ampla parcela da população são a rigor apropriados, mas por se referirem mais diretamente talvez a uma dimensão econômica (marxista?) do problema não encerram em si a gama de significados que, mesmo de forma metafórica, estão presentes no termo *exclusão*.

A esses conceitos, oriundos da escola francesa, soma-se a noção de *apartação social*, proposta por Cristóvão BUARQUE (1993), no qual o outro é tido como um ser “à parte”, como um “não semelhante”, expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços etc., mas do gênero humano (NASCIMENTO, 1995:25).

A exclusão, conforme apontam os autores citados, não se constitui em sinônimo de pobreza. Embora referentes a situações de ruptura, carência e precariedade, podendo-se afirmar que toda forma de pobreza leva a formas de ruptura do vínculo social, pobreza não significa necessariamente exclusão. A pobreza, segundo observa WANDERLEY, tem sido percebida como fenômeno multidimensional, que atinge diversos segmentos da população, pauperizados pela precária inserção no mercado de trabalho (1999:23), não sendo no entanto resultante apenas da ausência de renda [ou de sua insuficiência], outros fatores devem ser considerados, como

“o precário acesso aos serviços públicos e, especialmente, a ausência de poder. Nesta direção o novo conceito de pobreza se associa ao de exclusão, vinculando-se às desigualdades existentes e especialmente à privação de poder de ação e representação e, nesse sentido, exclusão social tem que ser pensada também a partir da questão da democracia” (WANDERLEY, 1999:23).

E continua:

“A exclusão contemporânea é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que tende a criar, internacionalmente, indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção.” (Idem, 1999:25).

Nessa direção BARROS, HENRIQUES e MENDONÇA (2000) conceituam pobreza como “referente a situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um

padrão mínimo de vida condizente com as referências socialmente estabelecidas em cada contexto histórico.” Isto pode significar que os indivíduos podem ou não ser pobres de acordo com o contexto em que vivem, com suas sociedades etc. Um indivíduo que possua tão somente um burro, uma espingarda, duas cabras e uma pequena cabana pode sentir-se rico, pobre ou remediado de acordo com o contexto em que vive, seja em ambientes de extrema miséria como algumas regiões do Brasil, da África ou da Ásia ou nos países economicamente mais desenvolvidos. Para Amartya SEN, a pobreza não pode ser entendida em termos absolutos, devendo ser relativizada tomando-se por base os *recursos* disponíveis (renda, bens, conhecimento, aparelhos e ferramentas diversas), as *functionings*¹, que são os desempenhos do indivíduo ao utilizar-se desses recursos, de acordo com suas necessidades – desempenhos que combinados refletem sua *capacidade* – e a *liberdade* para utilizar suas capacidades, liberdade que é decorrente de condicionantes físicas (dinheiro, meios de locomoção, acesso, geografia etc.) e psicológicas (conhecimento, informação, autoestima, incentivo etc.). A maior ou menor disponibilidade de bens, de capacidade para operacionalizá-los e de liberdade determinam o grau de pobreza do indivíduo. Vários fatores ambientais podem atuar positiva ou negativamente nessas capacidades e na liberdade do indivíduo, tais como educação, referências culturais, família etc.. Nesse sentido, escreve ECHEVERRÍA:

A qualidade de vida pessoal está, pois definida por duas coisas: a gama de opções abertas pela sociedade e pelas próprias características pessoais de dita pessoas e a liberdade que tem de escolher entre elas. (1996:173, apud WANDERLEY, 2000:191)

Se a necessidade de possuir determinados bens (para que se alcance um determinado patamar de condições de vida) varia segundo características fisiológicas, sociais e culturais, entre outras, os graus variados de bem estar desfrutados pelos indivíduos em contextos diferenciados e classificados enquanto pobreza ou riqueza devem ser relativizados, na medida em que tais classificações derivam principalmente do entendimento do observador do que é pobreza ou riqueza. No entanto, se ao refletir sobre sua própria situação o indivíduo puder classificar-se como mais ou menos pobre [ou rico] com mais legitimidade

¹ Para uma abordagem mais ampla sobre o termo recomenda-se o trabalho de Álvaro de VITA. Justiça Distributiva: A Crítica de Sen a Rawls. Dados, vol. 42 n°. 3. Rio de Janeiro: s/e, 1999.

do que o que faria com relação a outrem e vice-versa, sob a perspectiva da sociedade em que está inserido, essa classificação dar-se-á de maneira muito mais ampla considerando-se as diferenças nas condições de vida existentes nessa sociedade, sob uma perspectiva puramente econômica.

Se, conforme os autores citados, a exclusão social é determinada principalmente pelas relações de mercado, os mesmos autores admitem que sua existência não se baseia unicamente no grau de participação dos indivíduos nos processos econômicos da sociedade em que vive. As “riquezas espirituais” ou “mercados simbólicos” de que tratam XIBERRAS (1993) e WANDERLEY, o “poder de ação e representação” enfocado por BUARQUE (1993) ou a noção de “integração normativa e funcional” de PAUGAM (1991, 1993) podem referir-se a uma mesma dimensão do problema: a dificuldade ou mesmo impossibilidade de o indivíduo se relacionar com os diversos bens produzidos por sua sociedade, dentre eles os bens culturais, a política, a religião, a educação e a interação social desde o âmbito familiar até esferas mais amplas do relacionamento. É essa dimensão da exclusão social que se considerou para a realização deste estudo.

2.2 Sobre o conceito de cultura

Conforme o dicionário Aurélio, denomina-se *cultura* o conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específicos, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais etc., podendo ser entendida abstratamente, como manifestação de um atributo geral da humanidade ou, mais concretamente, como patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica.

Sendo um conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade, [nas ciências humanas, opõe-se por vezes à ideia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que é a base das interações sociais] é também o aspecto da vida coletiva relacionado à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, etc. e o processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc.

Da perspectiva antropológica, o termo latino refere-se ao conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais etc., podendo ser tomado abstratamente, como manifestação de um atributo geral da humanidade ou, mais concretamente, como patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica (AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira, 1999).

O britânico Edward Burnett TYLOR (1832-1917) teria sido quem primeiro apresentou uma definição etnológica de cultura, rompendo com as definições restritivas e individualistas até então vigentes no meio científico.

“Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e outras

capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.” (TYLOR, 1871:1, *apud* CUCHE: 2002:35)

TYLOR inicialmente utilizou *cultura* como sinônimo de *civilização*, *essa foi* uma característica do contexto da época, mas o autor privilegiou finalmente “cultura” por entender que “civilização” perde seu caráter de operacionalidade se aplicado às sociedades “primitivas”. A esse respeito CUCHE observa que

“A etimologia da palavra civilização remete à constituição das cidades e o sentido que a palavra tomou nas ciências históricas designa principalmente as realizações materiais, pouco desenvolvidas nessas sociedades.” (2002:36).

Nessa perspectiva, naquele contexto histórico “cultura”

(...) apresenta a vantagem de ser uma palavra neutra que permite pensar toda a humanidade, rompendo com uma abordagem dos “primitivos” que os transformava em seres à parte. (Idem)

A cultura é algo construído pelo homem, encerrando um universo complexo de produção e transmissão de conhecimentos, criação intelectual e artística etc. Patrimônio próprio e distintivo de um grupo ou sociedade específica (CASCUDO, 1979) define-se *cultura* também como o processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc.

Embora cultura possa ser definida como civilização ou progresso, tal definição é restritiva no que tange a grupos humanos cujas especificidades estejam muito distantes da do observador. Por basear-se numa visão evolucionista de mundo, insere as diferentes culturas em uma escala em que a graduação (mais/menos avançada) tem sempre por base uma cultura considerada modelar, (como no caso do eurocentrismo), desconsiderando-se ou inferiorizando as demais dadas suas diferenças implícitas. Nessa perspectiva, no que concerne ao indivíduo, costuma-se adotar o sentido de cultura enquanto desenvolvimento intelectual, saber, refinamento de hábitos, modos ou gostos, ilustração, instrução etc., o que necessariamente não exprime a relação do sujeito com uma cultura em especial. O termo pode ainda referir-se a um modo específico de produção, tratamento, divulgação de

informações e relacionamento social (cultura de massas, cultura popular, cultura jurídica etc.).

Os conhecimentos produzidos por determinada sociedade, grupo ou classe social, configuram um legado de bens culturais que vão se acumulando e sendo transmitidos de geração para geração, compondo o que Pierre BOURDIEU denominou “capital cultural”. Entretanto, para o usufruto desses bens os indivíduos precisam deter os meios para tal, pois os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los. Para BOURDIEU “a apropriação desses bens supõe a posse prévia dos instrumentos de apropriação”, a chave que possibilita ao indivíduo decifrar o código. Tal chave seria transmitida através do sistema de ensino que, ao transmitir entre gerações a informação acumulada, promove a “reprodução cultural” responsável pela manutenção de dada cultura em uma sociedade. Por outro lado isto implicaria em uma “reprodução social”, na medida em que o sistema de ensino formal é parte de um modelo social que nega (ou não transmite) a outros grupos informações importantes que poderiam representar uma mudança efetiva em suas possibilidades de crescimento, reflexíveis em sua condição (e posição) social. Dessa forma o sistema de ensino cumpriria com uma função de transmitir hereditariamente o poder e os privilégios socioeconômicos, contribuindo para a manutenção das estruturas sociais vigentes. Nessa perspectiva, pode-se entender que essa função de reproduzir as estruturas sociais vigentes na sociedade, com evidente interesse das classes privilegiadas, seja um dos móveis do estranhamento entre representantes de diferentes culturas em uma mesma sociedade, que muitas vezes resulta em graves conflitos sociais.

O sistema de ensino é uma parte apenas do *habitus*, que é

“(...) o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham as mesmas condições sociais. Às diferentes posições em um espaço social dado correspondem estilos de vida que são a expressão simbólica das diferenças inscritas objetivamente nas condições de existência..” (CUCHE, 2002:171)

O *habitus*¹ funciona, segundo BOURDIEU, “como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores” (*apud* CUCHE, 202:172), permitindo aos indivíduos orientarem-se no seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social.

O *habitus* é composto por sistemas de disposições inconscientes de percepção, de pensamento e de ação que são resultantes do trabalho de educação e socialização ao qual o indivíduo está submetido e de experiências que acumula ao longo de sua existência, que somadas determinam as particularidades do seu *habitus*. “*Ele explica porque os membros de uma classe agem frequentemente de maneira semelhante sem ter necessidade de entrar em acordo para isso*” (CUCHE, 202:172). Nesse sentido, a noção de *habitus* corresponde em parte ao conceito de *cultura* conforme adotado nesse estudo, embora em alguns momentos os termos “*cultura*” e “*cultural*” possam ser empregados em sentido restrito, referindo-se mais especificamente aos produtos e/ou aos bens simbólicos socialmente valorizados.

Pode-se assim entender que todas as obras humanas são partes ou expressões da cultura, inerentes ao seu processo de socialização. Desde que os homens agruparam-se em bandos, adotando os mesmos usos e fixando os mesmos costumes uns dos outros, transmitindo-os às gerações posteriores, esses usos e costumes ao serem reelaborados, mantidos, modificados etc. passaram a constituir as culturas dos vários grupamentos humanos que povoaram o planeta. A cultura é o fator de coesão de todas as sociedades, sendo sua manutenção fundamental para a existência das sociedades enquanto tais. Quando os elementos que compõem a cultura de determinado grupo deixam de existir essa sociedade passa a viver em crise, ficando seus indivíduos à deriva, o que pode ser observado em diversos momentos da história, em situações em que apenas um ou outro fator de ordem cultural como a língua ou a religião determinaram a sobrevivência de certos grupos (como os judeus e africanos em suas respectivas diásporas). É a cultura que caracteriza as sociedades, suas diferenças e afinidades podem distanciá-las ou aproxima-las. Ao agregar indivíduos com especificidades diversas, gera o senso de identidade responsável pela manutenção das coletividades e suas ideologias e nacionalismos.

As culturas podem ser autênticas ou híbridas, resultantes do cruzamento de várias culturas. Ao agir em um meio social, seja na família ou numa comunidade mais ampla, o indivíduo relaciona-se diretamente com sua cultura, afirmando-a ou negando-a,

¹ Sobre a noção de *habitus* ver HERAN, Françoise. La seconde nature del'abitus: Tradition philosophique et sens commun dans le langage sociologique. *Revue Française de Sociologie*, N°. 28. pp. 385-416,1987

conscientemente ou não. Em determinadas sociedades, como na brasileira, várias culturas específicas interagem, às vezes em espaços de reduzida dimensão territorial, podendo formar novas tradições culturais¹. Atualmente é comum orquestras apresentarem seu repertório erudito para públicos cada vez mais heterogêneos, que mesmo sem deter os signos dessa linguagem musical esforçam-se para captar seu sentido, assim como os chamados “eruditos” são sempre chamados a atentar para as manifestações populares com um posicionamento menos hermético², ao passo que nos *campi* universitários, centros de excelência do saber ocidental e território tradicionalmente ocupado pelos “de cima”, evidencia-se cada vez mais a presença dos egressos das classes menos favorecidas, exemplos que podem representar de certa forma uma mobilidade inter-*habitus* que não se dá apenas no campo das artes, mas também nas diversas instâncias do conhecimento, na economia e das relações sociais. Nesse sentido, as observações de BOURDIEU acerca do capital cultural e do *habitus* serão úteis ao analisarem-se os processos de transmissão de informações presentes nas ações estudadas e em que medida elas podem impedir ou democratizar o acesso de indivíduos e grupos sociais a bens culturais diversos.

¹ Exemplo interessante disso pode ser o almoço de domingo das classes populares no Brasil, no qual em geral mesclam-se elementos da culinária de diversos povos, como portugueses (e árabes), bantos, nagôs, tupis, italianos, franceses e chineses num mesmo cardápio.

² Não se desconsiderou o papel representado pela “folclorização” das manifestações nesse processo.

2.3 Sobre a arte

As formas de vestir, comer, habitar, descansar, construir cidades, relacionar-se entre si e com o meio ambiente, comunicar-se, fazer e consumir arte, enfim, de fazer tudo o que as pessoas fazem cotidianamente e o saber a elas relacionado, somado a outros que os indivíduos porventura produzam e que esteja relacionado ao seu universo conceitual, são manifestações particulares de uma cultura específica. Desse conjunto complexo de ações e manifestações a arte pode ser tida enquanto representante maior da cultura de determinado grupo, classe social, comunidade ou povo.

A arte (*tékne*) era para os gregos a habilidade no ofício manual e para as coisas do espírito (*areté*). Os latinos, a quem a cultura ocidental deve parte razoável do seu tronco, difundiram esta noção elevando-a a expressão máxima de sua cultura, posto que de certa forma ela ocupa até hoje. Quando uma manifestação de determinada cultura enseja uma classificação mais elevada, de um modo geral lhe é atribuído o epíteto de *arte*. Assim é com as “artes” culinárias, do esporte (futebol-arte), a “arte” arquitetônica etc.. Vestir-se, em nossa sociedade, pode ser uma necessidade do homem, mas pode também ser uma arte, assim como ocorre com a comunicação (daí a “arte” da retórica), a elaboração de certos tipos de bebidas e de objetos de uso corrente (utensílios domésticos como facas, copos, cuias, balaios, redes, móveis) etc.. Isso deriva em parte do entendimento de arte enquanto expressão de ideias, que aponta para uma reflexão mais elevada sobre determinado objeto, de certa forma inerente ao desenvolvimento intelectual do homem.

A arte pode ser entendida como representação ou simulacro da realidade, distinguindo-se desta [e da verdade] por ser uma “aparência” do real, sendo amada enquanto tal, sem que se pretenda ser a própria realidade. (SCHILLER *apud* CUNHA, 2003:40) Arte compreende escolhas: o que criar, como admirar, do que se gostar etc. (PIRANDELLO)¹. HEGEL a colocou entre o sensível *puro* e o pensamento *puro*, Friedrich NIETZSCHE a viu como uma compensação, um socorro (lenitivo) pelo aspecto terrível e doloroso da experiência humana. Para Emmanuel KANT a arte representava imaginação e entendimento, ao passo que Ernest CASSIRES entendia a arte como uma passagem entre o sujeito (artista) que lhe deposita certos sentidos e outros que com eles têm a oportunidade de conviver e a eles reagir, emotiva e intelectualmente, recriando-os para si.

Essas visões sobre os significados da cultura e da arte são fundamentais para este estudo, dada a aparente importância atribuída à cultura pelos empreendedores das ações

¹ *Apud* CUNHA, 2003:40.

estudadas, bem como para traçarem-se parâmetros para uma análise dos discursos nos quais se baseiam tais ações.

Não se tem aqui a pretensão de discutir exaustivamente os conceitos acima enfocados, nem este é um estudo sobre a questão da exclusão social. Outrossim, ao analisar a relação cultura/projetos sociais, tal como observada em inúmeras situações e principalmente nas iniciativas estudadas, buscou-se entender qual o significado da cultura para a sociedade e [mais especificamente] para as comunidades onde se desenvolvem ações culturais e qual a importância da execução de tais ações para as sociedades urbanas atuais, identificando fatores relevantes para a avaliação de projetos e ações que utilizem expressões específicas da cultura como instrumento de transformação social.

3 MATERIAIS E METODOLOGIA

Ao iniciar-se este estudo partiu-se da hipótese de que a ampliação do acesso a bens culturais diversos pode representar um diferencial no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, assim como na maneira como estes interagem em sociedade. Nesse sentido, para se entender qual o significado da cultura para as comunidades atendidas por projetos culturais sob uma perspectiva mais abrangente, seria necessário realizar um estudo mais aprofundado, com uma amostra de algumas centenas de pessoas, o que estando fora das possibilidades levou a realizar um estudo mais modesto em termos de indicadores, mas não sem o devido rigor científico, necessário para um entendimento do objeto.

Para tanto julgou-se necessário obter informações acerca dos objetivos das entidades estudadas, qual sua relação com as comunidades atendidas, se há ou não uma reflexão sistemática sobre as manifestações culturais constantes de suas ações, qual o entendimento de seus gestores sobre a cultura e se estes atribuem a ela alguma importância social, se as ações que realizam têm alguma importância para sua clientela e se essa clientela, em que pese sua heterogeneidade, entende essas ações como importantes para seu próprio desenvolvimento e, num maior esforço de abstração, para a sociedade à qual pertence.

Para a obtenção dessas informações optou-se pela realização de entrevistas com gestores e aplicação de questionários entre os beneficiários das ações estudadas. Foram entrevistadas dez pessoas diretamente ligadas à gestão dos projetos, duas em cada entidade, sendo as mesmas definidas pelas respectivas organizações. Em alguns casos elas representaram a quase totalidade das pessoas responsáveis pelas atividades, sendo esta a situação do grupo Tambores Gerais, da Sociedade Musical Santa Cecília e do Programa Fica Vivo!, que contam com poucos responsáveis diretamente envolvidos. Foram entrevistadas ainda duas pessoas ligadas a uma entidade importante no cenário cultural da cidade e do estado, a Casa da Animação, que por não ter realizado nos últimos meses ações ligadas a alguma comunidade específica não foi analisada como as demais. Tal número, no entanto, mostrou-se suficiente para exemplificar a cultura da organização, que em suma define suas linhas de ação e o motivo mesmo de sua atuação e existência.

As entrevistas em cada uma delas ocorreram em momentos distintos e consecutivos, não ocorrendo comunicação entre os entrevistados. Quando do agendamento não foi feita nenhuma menção ao conteúdo das perguntas, do qual tiveram ciência somente durante as entrevistas, que foram gravadas por meio digital. As entrevistas foram realizadas com base em roteiros previamente traçados e suas perguntas, além daquelas acerca do histórico do

entrevistado e sua vinculação com a entidade, foram as seguintes: “Por que sua organização realiza ações nessa comunidade?”; “No seu entender qual a importância da execução de projetos culturais para as comunidades atendidas?”; “No seu entender, qual a importância da cultura (e/ou arte) para nossa sociedade?”.

As entidades abordadas atendem a centenas de pessoas durante o ano. No entanto registram médias de participantes por atividade variando entre vinte e trinta pessoas, sendo que em certos casos – como na AFFAS e no Programa Fica Vivo! – algumas atividades, por não serem especificamente culturais, foram desconsideradas¹. A amostra da clientela foi definida tomando-se como base uma média de vinte e cinco participantes por atividade, sem restrições quanto à idade, gênero ou condição financeira, perfazendo esse número a média de 20% da população de beneficiados. Se consideradas apenas as atividades às quais estão ligados esses indivíduos, a percentagem varia entre 20% e 42%. No entanto, o fato de muitos dos beneficiados participarem de mais de uma atividade numa mesma instituição levou a considerar-se como *população* o total de beneficiados por atividades culturais por cada entidade, independente do número de atividades que ela oferece.

A seleção dos participantes foi feita aleatoriamente, sem escolha prévia, com os mesmos, por ordem de entrada em um determinado ambiente e sem que os mesmos tivessem conhecimento do processo. No Programa Fica Vivo! Foi realizada uma reunião prévia com os responsáveis pelas oficinas que, coordenada por K., umas das técnicas do programa², sem que se pretendesse funcionou como um grupo focal onde foram possíveis algumas observações importantes acerca da relação estabelecida entre os agentes³ e o programa.

Em cada entidade foram aplicados questionários com quatro questões, duas de múltipla escolha e duas mistas, respondidos individualmente por cinco participantes em cada organização, escolhidos por sorteio durante a realização de uma atividade em grupo, o que possibilitou uma economia de recursos com deslocamentos e o “efeito surpresa”, que deveria conferir maior autenticidade às respostas. Constavam dos questionários as seguintes perguntas: 1) *Há quanto tempo você participa das atividades da [entidade]?* Opções: 0 a 3 meses, 3 a 6 meses; acima de 6 meses. 2) *Você participa das atividades da [entidade] para:* [Opções] ampliar seus conhecimentos; satisfazer aos pais/responsáveis;

¹ Atividades esportivas e cursos profissionalizantes de curta duração.

² Por motivos não esclarecidos as duas técnicas do núcleo permitiram a publicação apenas de suas iniciais.

³ Denominados “oficineiros”.

conhecer outros lugares; conhecer pessoas e fazer amigos; divertir-se; contribuir na melhoria da comunidade; ajudar outras pessoas; fugir das más companhias; outro:[espaço].

3) *A participação nas atividades trouxe-lhe algum benefício (provocou alguma mudança positiva em sua vida)?* Opções Sim [*Por quê?*] ou Não. 4) *Você acha que as atividades desenvolvidas pela [entidade] são importantes para a comunidade onde você vive [e para sua cidade]?* Opções: Sim [*Por quê?*] ou Não.

Para os participantes do Programa “Fica Vivo!”, por tratar-se de um caso especial¹, foi acrescentada a questão “*Como você se envolveu com o programa ‘Fica Vivo!’*”? Opções: por indicação de amigos; inscrito por pais/responsáveis; por interesse próprio; por orientação de professores/orientadores escolares; por determinação da Justiça; por orientação do Conselho Tutelar; Outros: [espaço].

Como tratam-se de entidades, públicos e lugares distintos, em um primeiro momento os questionários foram analisados grupo a grupo, considerando-se fatores como idade do respondente, tempo de permanência na atividade e linguagem adotada nas respostas. Apesar da grande diversidade de indivíduos participantes, reforçada por fatores [ambientais] como lugar de residência, situação sócio-econômica e nível educacional, as respostas apresentaram similitudes que possibilitaram agrupá-las em categorias de *sentido*. Muitas vezes a riqueza de significados apresentava-se encoberta sob o manto da síntese excessiva que caracteriza a comunicação juvenil cotidiana, sendo então necessário recorrer à experiência acumulada em anos de contato com crianças e adolescentes de diversas classes sociais e em diversas situações, tanto no convívio familiar como nas nossas andanças profissionais, para “traduzir” a linguagem informal utilizada pelos adolescentes e jovens e captar toda a gama de significações. As informações resultantes foram então comparadas entre si, compondo o cenário da pesquisa em sua amplitude, que é a de captar qual a importância (e o sentido) da cultura para todos os envolvidos, independentemente das comunidades ou grupos aos quais pertençam.

Informações adicionais sobre as entidades estudadas foram gentilmente fornecidas por seus gestores, que mantêm arquivados relatórios atualizados sobre suas ações e estatísticas de sua atuação. Os dados populacionais do município foram extraídos das estatísticas oficiais do IBGE. Dados relevantes sobre a criminalidade em Sabará no período 2006-2008 foram fornecidos pela Delegacia Regional de Polícia Civil.

¹ O programa tem características que o diferem das demais ações por ser uma ação de segurança pública, com foco na prevenção e redução da criminalidade, conforme descrito anteriormente.

4 RESULTADOS

Fundado em fins do século XVII às margens do rio das Velhas por bandeirantes paulistas, dentre os quais Manuel de Borba Gato, genro do desafortunado Fernão Dias Paes Leme, Sabará não passava de algumas dezenas de brutos aventureiros espalhados entre as serras do Taquaril e do Itaberabuçu quando o afamado bandeirante ali fixou morada. Após fundar um arraial ao qual denominaram Bom Retiro da Roça Grande, iniciou a exploração do ouro e das gentes daquelas paragens¹, exterminando índios e derrubando matas, num processo de ocupação que em pouco tempo tornou Sabará um dos núcleos urbanos mais importantes da Capitania.

A ocupação desordenada do território aliada à exploração de parte expressiva da população, que desde o início configuraram a história da cidade, refletem-se ainda hoje nas contradições que a caracterizam, da arquitetura colonial semi-preservada na área mais central à miscelânea estrutural das periferias onde a maioria da população possui renda *per capita* que a coloca no limiar ou abaixo da linha da pobreza. O Censo de 2000 registrou em Sabará uma população de 120.770 pessoas, distribuídas em um território de 302,54 Km², das quais apenas 2,2% aproximadamente viviam na zona rural (2.658 pessoas), cuja força de trabalho a economia local não tem condições de absorver, sendo que grande parte da população economicamente ativa residente no município trabalha em Belo Horizonte ou em cidades da região.

Desde que os primeiros forasteiros começaram a chegar às minas do Sabarabuçu iniciou-se o processo de formação do que é hoje a cultura local. Logo de início os índios Tupinambás que habitavam a região foram substituídos por paulistas, africanos bantos, crioulos e mestiços, além dos ingleses e seus descendentes, sempre eficientes na exploração de ouro em terras mais profundas. Desaparecendo seus entes, pouco – ou quase nada – de sua cultura nos foi legado. Como ocorreu em quase todo o Brasil, frutos, raízes, caça e pescado, elementos da culinária indígena foram incorporados e adaptados aos padrões dos novos habitantes. O milho e a mandioca, ingredientes tão essenciais para a alimentação do trabalhador escravo que para muito são tidos como africanos, adentrou também as cozinhas das elites, aprimorado seu uso pela ciência das velhas africanas, bem como os miúdos do

¹ Para o historiador Zoroastro PASSOS tal fato é controverso, pois ao chegarem à região os afamados bandeirantes teriam encontrado já a região povoada por baianos. Ver: PASSOS, Zoroastro Viana. *Em Torno da História de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. Volume II. Cf. SANTA ROSA, Antonio. *Conhecendo o Sabarabussú*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1947.

porco e as leguminosas cujas sementes atravessaram o Atlântico nos seus “patuás”. A miscelânea de usos e costumes de tantos grupos humanos, de indígenas, africanos, e europeus, escravos, mascates, tropeiros e padres, criou nas Minas Gerais uma culinária que, referência nacional, é hoje motivo de orgulho para as gentes da terra.

Para além dos fogões de lenha e das panelas em pedra-sabão típicas das Gerais, a religiosidade é outro fator marcante da cultura da terra. Dezenas e mais dezenas de templos centenários enfeitam morros e vales por todos os cantos onde haja sociedade, por pequena que seja, como testemunho da fé e zelo do povo pelas coisas do espírito. Suntuosas, algumas nem tanto, construídas com o ouro das minas e o sangue do escravo, tornaram-se com o tempo as imagens prediletas para os cartões-postais.

A fé imposta aos gentios da terra e aos africanos escravizados eclipsou as manifestações originais das crenças de uns e outros. Os tambores com que os negros adulavam os santos católicos nos adros das capelas, algumas por eles próprios erguidas como prova de sua “conversão”, tolerados por sua beleza e temidos por sua pujança, para uns resistência e para outros rendição, são hoje reverenciados como a mais bela expressão da religiosidade mestiça. De par com o soturno catolicismo lusitano – e contrapondo-se a ele – no escuro das senzalas, nos quilombos e nas choças dos libertos, a metafísica africana manteve-se viva; ali os “devotos” faziam suas adivinhações, sortilégios, dançavam seus enérgicos bailados rituais, tocavam seus temidos tambores ancestrais, cantavam ladainhas de um outro tempo, em língua vária, disso sendo provas as muitas “casas” (templos) onde ainda hoje se cultuam os deuses do panteão africano, sejam bantos ou nagôs, bem como os relatos que o Santo Ofício colheu sobre a africana Luzia Pinta, denunciada à Inquisição nos idos de 1739 por seus rituais que desafiavam o poder da Santa Madre¹, afamada em toda a comarca no segundo quartel do setecentos.

Em razão de tudo isto, sem desconsiderar evidentemente a importância dos demais credos que a partir do século XX instalaram-se na cidade, a religiosidade dos mineiros abrange tanto o catolicismo romano quanto o candomblé dos negros da velha África, muitas vezes os elementos aparecem fundidos num mesmo culto, revelando os traços da mistura secular, embora predomine o primeiro.

A Igreja influenciou também as belas artes locais. A escultura e a pintura sempre tiveram nos temas sacros sua inspiração maior. Por esse motivo as maiores referências do artesanato locais são justamente as chamadas “palmas barrocas”, espécie de galhos lavrados

¹ MOTT, Luiz. O calundú-angola de Luzia Pinta. In: Revista do IAC: UFOP, 1985. Cf.: Processo nº 252, da Inquisição de Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Portugal

em metal brilhante, e os oratórios em madeira. E a música, afora os tonitruantes tambores negros e o afamado carnaval, por séculos resumiu-se a missais, ofertórios, mistérios, ofícios e o que mais os ciclos anuais de adoração o exigissem, sendo da tradição do lugar a existência de eficientes corporações musicais, sempre a serviço de compositores sacros da região e ciosas das novidades estrangeiras.

Culinária, religiosidade, música, sobre esse tripé cultural apóia-se há quase trezentos anos a sociedade local, não obstante as concessões que o correr dos tempos impõe ao imaginário. Some-se a isto o artesanato, que em tempos passados era necessidade ou obrigação – construir casas, calçar ruas, pintar, coser, bordar – tudo o que hoje sobrevive como quase apenas necessário à manutenção da cultura e da história locais e ter-se-á um panorama do que é a cultura nesse lugar que sobrevive em parte do passado.

4.1 Os Tambores Gerais

A Oficina Tambores Gerais é resultante de um projeto iniciado em 2004 na periferia de Sabará, à época intitulado “Música Livre, Morro Aberto”, que resumia-se a oferecer um curso de teoria musical e percussão à comunidade interessada. As aulas eram ministradas por seu idealizador, Jorge África, percussionista que resolveu viver em Sabará e realizar alguma ação útil para a comunidade. Tendo unicamente a oferecer seus conhecimentos musicais, muito duramente conquistados, recebeu uma sala no centro comunitário do bairro Adelmolândia, onde todas as noites de segundas e quartas-feiras, mesmo com chuva, reunia entre quinze e trinta interessados de variadas idades, a maioria residente na comunidade, para transmitir-lhes o que entendia ser “uma chave para o mundo”, pois, além de oferecer-lhes gratuitamente aulas de teoria musical, prática percussiva e *lutheraria* (construção de instrumentos) com material reciclado, pretendia fomentar discussões sobre cultura, tolerância, cidadania, participação social, família e outros temas considerados importantes para a formação daqueles jovens.

Foi formado um grupo musical tendo à frente os mais destacados alunos, cujo repertório baseou-se em cânticos do congado mineiro e em referências musicais de várias partes do mundo, com gêneros caribenhos, africanos e brasileiros, sem no entanto apelar-se para a música de qualidade duvidosa em geral veiculada nas chamadas “rádios populares”. Aliás, consta que a influência da mídia na escolha do repertório foi mínima, já que o idealizador sempre incentivou a pesquisa como base para a realização das atividades do grupo, que se apresentou em eventos em Sabará, Santa Luzia e Belo Horizonte. Como os instrumentos utilizados foram emprestados pelo idealizador e não receberam a devida manutenção, as atividades deixaram de acontecer durante todo o primeiro semestre do ano seguinte, salvo raras apresentações.

Diante da necessidade de aquisição de instrumentos para a continuidade do projeto, foi proposto um concerto à Fundação Cultural Belgo, ligada à Siderúrgica Belgo Mineira (atual Arcelor Mittal), num projeto denominado “Raízes”, cujo *cachet* seria revertido para a aquisição de materiais necessários à confecção de instrumentos percussivos. Aprovada a proposta, o *show* foi realizado em setembro de 2005, com a participação da cantora Titane, do grupo de *rap* NUC e da Cia. Ponta da Terra de Danças Afro-brasileiras, dirigido pelo coreógrafo Carlos Afro, com quem Jorge havia trabalhado anos atrás, imediatamente foi adquirido o material para confecção dos instrumentos, o que demandou o restante daquele ano. No início de 2006, com os instrumentos prontos, foram feitos os contatos para definir o

local de realização do projeto, pois o Centro Comunitário estaria ocupado com cursos de suplência, sendo avaliadas então a escola municipal do bairro Adelmolândia, a Praça de Esportes de Sabará, situada no Centro da cidade, além de ter sido enviado um ofício à Fundação Belgo solicitando a cessão de um espaço em seu edifício-sede, que foi ignorado por aquela entidade.

Pela localização foi escolhida a Praça de Esportes e definido que as atividades iniciar-se-iam após o carnaval, para não conflitarem com as atividades das entidades carnavalescas locais, então em andamento. A denominação do projeto foi modificada para “Tambores Gerais”, enfatizando-se a proposta de pesquisar-se a cultura mineira a partir das manifestações referentes aos tambores, bem como outras manifestações em geral, com ênfase nas culturas banto, que o idealizador acreditava serem as matrizes culturais dos negros compulsoriamente radicados na região das minas.

A 9 de março de 2006 as aulas foram iniciadas, com a presença de dezoito alunos, ausentes dois outros inscritos. Três dos antigos alunos não poderiam continuar, pois estariam retomando os estudos no período noturno, mas participariam das atividades nos finais de semana. Outros quatro atuariam como facilitadores para os novos alunos. As aulas passaram a acontecer às terças e quintas-feiras, entre 19h30 e 22h00, no palco da Praça de Esportes, posteriormente transferidas para uma área coberta próxima à entrada do complexo devido a reclamações de moradores vizinhos devido ao elevado volume dos tambores. A supervisão pedagógica ficou a cargo de Helena de Freitas Santos, pedagoga especialista em Supervisão e Orientação Pedagógica e Pedagogia Empresarial, à época contratada pela Fundação para o Desenvolvimento da Pesquisa-Fundep, ligada à UFMG, como coordenadora administrativa do Programa de Educação de Jovens Adultos – Projovem, do Governo Federal. O número de alunos foi elevado a vinte e quatro, tendo alguns se desligado por incompatibilidade de comportamento, permanecendo a maioria desde o início. Todos os novatos não tinham noção do trabalho proposto, tendo alguns atuado em grupos carnavalescos mas sem qualquer reflexão sobre cultura, linguagens musicais etc.

Em julho os alunos fizeram uma apresentação na abertura do Kilombo Aldeia Século XXI, no Festival de Arte Negra (FAN), em Belo Horizonte, realizando um cortejo juntamente com vários outros grupos de percussão de Belo Horizonte e Santa Luzia, terminando com apresentações na Praça da Estação. No dia do encerramento do Festival o grupo voltou a apresentar-se, sendo atração também no II Seminário Educação Patrimonial de Sabará, no Clube Cravo Vermelho, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Sabará.

A oficina Tambores Gerais foi ministrada com grande sucesso, por três alunos e o coordenador do projeto, no 7º Encontro Cultural de Milho Verde (Serro/MG), para cerca de cinquenta pessoas de diversos lugares do Brasil, dentre músicos, pesquisadores, estudantes e moradores do lugar, encerrando com um Auto do Boi e acompanhamento das oficinas de dança afro do grupo *Bataka*. A mesma oficina foi ministrada também em Belo Horizonte, na Semana do Estudante da UFMG¹ (Campus Pampulha) nos dias 13 e 14 de setembro e no Dia Temático promovido pela coordenação do Projovem² e pela Fundação Roberto Marinho, no Colégio Imaco, situado no Parque Municipal Américo René Gianetti em Belo Horizonte, em 25 de novembro (com imagens do grupo divulgadas pelos telejornais da Rede Globo).

O grupo participou ainda do encerramento da Caminhada Cívica, na Praça de Esportes de Sabará, no dia 07 de setembro, realizou uma exposição didática para alunos de Letras na Faculdade de Sabará, participou do Cortejo Festa do Rosário pelas ruas de Sabará, fez um ensaio com a Orquestra Jovem de Contagem, apresentou-se na Festa do Rosário na principal praça da cidade, assistiu a uma apresentação do percussionista Carlinhos Ferreira no teatro Francisco Nunes, realizou apresentações no seminário “Pedagogia da Indagação” (no Teatro Ney Soares das Faculdades Uni-BH), em evento Cidadania nos Trilhos promovido pela Prefeitura e pela Ferrovia Centro-Atlântica em Sabará, no concerto “Mil Tambores para Ray Lema”, acompanhando o cantor africano em Belo Horizonte, realizou uma visita monitorada ao Grande Teatro do Palácio das Artes – para assistir ao espetáculo Missa dos Quilombos – e apresentou-se no encerramento da Semana da Consciência Negra em Sabará, do evento beneficente “Sabará Contra a Fome” e na Escola Municipal Rosalina Alves Nogueira, no distrito de Pompéu. Em dezembro o grupo organizou, juntamente com o apoio do Instituto Mundo Velho, uma festa de confraternização para seus alunos, que receberam certificados de conclusão do curso e realizaram a derradeira apresentação do ano.

Em seu relatório anual apresentado ao Instituto Mundo Velho, à época entidade parceira na execução do projeto, o coordenador Jorge Dikamba informou que “(...) *Embora não tenha sido possível realizar todas as atividades propostas devido à ausência de recursos materiais, os objetivos propostos foram atingidos integralmente, ainda que não*

¹ O coordenador do grupo solicitou à Universidade uma contrapartida em materiais, que foram adquiridos e doados ao grupo.

² Programa de Formação de Jovens, do governo Federal.

seja possível mensurar os resultados, dada sua especificidade, mas os pais e familiares reportaram a importância das atividades para o desenvolvimento dos alunos.”

Na segunda metade de 2006 foi encaminhado um projeto aos Vicariatos Agostinianos, entidade da Igreja católica que entre outras ações destina recursos para projetos sociais. A entidade permaneceu todo o semestre fora de contato, mas no início de 2007 doou a quantia de R\$2.480,00 que o grupo utilizou na aquisição de indumentária e instrumentos musicais novos. Foram então realizadas vinte apresentações, sendo a primeira delas no conceituado Museu do Ouro de Sabará, na abertura da exposição comemorativa aos 113 anos do Clube Mundo Velho, passando por uma apresentação conjunta com outros grupos importantes da região metropolitana – como Tambolelê, Arautos do Gueto e Tambor Mineiro – no estádio Mineirão, para uma público superior a 60.000 pessoas, além de aulas ministradas na Escola de Música da UFMG e na cidade do Serro (8º Encontro Cultural de Milho Verde), de onde trouxeram a cabeça de um Boi do Cerrado, tradicional naquela região, a técnica para construí-lo e cantigas para embalar as brincadeiras. O boi “renasceu” em setembro daquele ano – coincidentemente no mesmo espaço onde o grupo ensaiava, transmutado em “feira de negócios do artesanato” – depois encantou crianças e adultos a no aniversário, dos amigos e parceiros, a Borrachaloteca de Sabará (Instituto Cultural Anibal Machado), em um encontro de contadores de histórias.

Dentre as demais apresentações destacam-se o concerto dom a Orquestra Jovem de Contagem no Teatro Municipal de Sabará, o encontro-show “Mil Tambores para Naná Vasconcelos”, o cortejo “Da Liberdade a Zumbi” (evento do Festival Internacional de Arte Negra de Belo Horizonte) e no III Festival de Cultura Popular de Paranapiacaba, vila histórica situada na cidade de Santo André, estado de São Paulo, com fundamental porém reticente apoio da prefeitura de Sabará.

Embora na prática o prefeito e funcionários da prefeitura mostrem-se simpáticos ao grupo, não há um posicionamento oficial nesse sentido, O grupo utilizava um espaço precário na Praça de Esportes municipal onde guardava seus instrumentos e materiais didáticos, de onde retirou-se devido a pressões da administração já que o mesmo era sempre requisitado pelos demais órgãos municipais quando da realização de seus eventos, o que obrigava à retirada dos materiais às pressas, gerando desconforto e prejuízos ao seu estado. Em razão disso foi solicitado em fevereiro de 2008 um novo espaço ao prefeito, através de ofício encaminhado diretamente ao seu gabinete. Em abril o pedido seguiu para a Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural, que não respondeu. Sem outra opção, o grupo foi posto

em quarentena e seu material acondicionado em para um espaço em Belo Horizonte no final de abril.

Durante os seus quase quatro anos de funcionamento em Sabará a Oficina Tambores Gerais proporcionou acesso à formação musical e à informação a trezentas pessoas diretamente, tendo atingido um público superior a 70.000 pessoas. Compelido a afastar-se da cidade por motivos alheios à sua vontade, o idealizador da iniciativa estuda novas possibilidades para a ação, que pretende desenvolver em parceria com alguma entidade cultural atuante na região metropolitana da Capital.

4.2 A “Ação Faça Uma Família Sorrir”

A história da Affas confunde-se com a trajetória pessoal de um de seus fundadores, Ricardo Antunes, o Ricardinho, que por sua vez teve toda a vida ligada à comunidade onde atua. Funcionando no número oitenta da Rua Abaeté, logo na entrada do bairro General Carneiro, em Sabará, a entidade completou em 2008 uma década de atuação ininterrupta. Seus avós vieram do interior trabalhar na fábrica de tecidos existente em Marzagão, uma das primeiras tecelagens do Brasil (fundada por volta de 1895) e ainda em atividade, onde havia uma vila operária e pensionatos para os trabalhadores solteiros do interior. Conheceram-se entre os apitos da fábrica e os passeios trem, casaram-se e estabeleceram morada no distrito que florescera em torno da velha estação ferroviária, por onde passavam os trens da Capital rumo ao Sul. Muito ligados à igreja católica, teriam participado da fundação do núcleo regional da Sociedade São Vicente de Paula¹ e Ricardo cresceu acompanhando a família às atividades do movimento social ao qual os avós eram ligados, aprendendo as regras da interação social e do convívio salutar, sentindo-se parte do território e de sua história.

Quando ingressou no Curso Técnico em Rodovias do CEFET² em Belo Horizonte, passou a integrar o grêmio estudantil, organizando eventos culturais, dando mais vazão ao seu ativismo social. Por essa época envolveu-se com a associação comunitária junto à qual organizava, juntamente com amigos do bairro, eventos culturais e esportivos na comunidade, que se “*hoje está um pouco melhor*”³ pelos anos 1980 sofria de uma grande carência de infraestrutura, ruas sem pavimentação, não havia telefone, transporte ou equipamentos públicos.

Os shows, campeonatos, bingos e bailes foram se multiplicando modificando, bem como seu público-alvo, à medida que amadureciam as relações dos organizadores ao constituírem família. Passaram das “baladas”⁴ voltadas ao público jovem para eventos mais voltados à família, às crianças etc.. Dentre esses eventos um destacava-se a ação intitulada “Faça Uma Família Sorrir Neste Natal”, que acontecia anualmente e consistia numa ação

¹ Entidade filantrópica de reconhecido mérito na assistência aos desvalidos, com foco no público idoso, espalhada por diversas cidades do estado.

² Sigla de Centro Federal de Educação Tecnológica.

³ Expressão usada por Ricardo Antunes em seu depoimento para esta pesquisa.

⁴ Tal termo é de utilização mais atual. O termo mais usualmente era para designar tais festas à época “agitos”, ou simplesmente “festa”. N. do A.

para a qual se arrecadavam fundos através de eventos – bailes, bingos, excursões, que também eram momentos de socialização das famílias participantes – culminando com um grande evento festivo em princípios de dezembro, voltado a todas as famílias carentes da comunidade.

Com o passar do tempo os amigos foram observando que não ocorriam atividades interessantes – culturais e educativas – voltadas para os jovens da região, passando a refletir sobre a ação deixar de ser apenas um evento pontual. Uma vez ao ano era muito pouco, era preciso promover uma ação continuada envolvendo além de cultura e esporte também a profissionalização dos jovens, que beneficiasse a comunidade durante todo o ano. Resolveu-se então criar outro projeto, a Orquestra Popular Dona Ritinha, tendo recebido apoio na formatação da ideia por parte de um grupo que desenvolvia um projeto com crianças no parque das Mangabeiras¹. Nascia assim a Ação Faça Uma Família Sorrir, cujas reuniões iniciais aconteciam sem lugar definido, em escolas, nas ruas, quintais, ora aqui ora ali, vindo posteriormente a alugarem a casa que ocupam até hoje, que havia dezoito anos estava desocupada, cujo aluguel ficava sempre em atraso devido às dificuldades iniciais.

Durante cerca de um ano as atividades aconteceram baseadas na utilização de materiais reaproveitados – tubos de pvc, tambores, latas etc. – e ainda hoje utilizados. À época foi apresentado um projeto visando um prêmio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES que, uma vez aprovado, proporcionou o financiamento das atividades por quatro anos. Tal incentivo foi essencial para que a entidade se desenvolvesse, passando a contar com outras fontes de recursos que em dez anos permitiram a aquisição do imóvel, uma casa ampla e arejada bem visível no meio da colina defronte ao ribeirão Arrudas e ao largo da antiga estação ferroviária, totalmente dedicado às atividades da instituição.

A entidade mantém ainda outro núcleo no distante bairro Borba Gato, onde acontecem atividades similares às da sede. Os recursos provêm de várias fontes, de parcerias firmadas nas com o Estado nas três esferas, através dos mecanismos da Lei de Incentivo à Cultura de Minas Gerais, recursos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, de organizações estrangeiras e até da prestação de serviços. O foco do trabalho é a cultura, diretamente atrelada à questão social.

A entidade atende duas regiões que juntas somam 30.400 habitantes². No presente ano atendem diretamente setecentas pessoas em suas diversas ações, que vão de cursos

¹ Projeto “Meninos no Parque”.

² Os dados são do IBGE, 2000. Acessar: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/Contagem>

profissionalizantes gratuitos à execução de programas do governo federal, como o PETI¹ e o Agente Jovem. São entregues no local 200 refeições diárias gratuitas², a casa conta com uma boa estrutura com recepção, biblioteca, salas de aula, ilha de edição de áudio e vídeo, computadores, acesso à internet, escritório, cozinha e espaço multiuso. Contando com 78 colaboradores diretos, entre voluntários e pessoal remunerado, tem engendrado parcerias de diversos moldes com outras entidades, tanto no município quanto fora dele, como a Casa da Animação, ONG Elo, Moradia e Cidadania e outras mais. Em seu Plano de Ação para o ano de 2008 foram previstas 24 ações que incluem, além das já citadas, cursos de Manipulação de Alimentos, oficinas de produção de vídeo, de estilismo, de educação patrimonial, encaminhamento de jovens ao mercado de trabalho e exibições de filmes

Um dos carros-chefes da entidade hoje é o “Panela de Expressão”, grupo percussivo comandado pelo percussionista Manjado composto por crianças e adolescentes da comunidade, que já se apresentou em Brasília e no conceituado Grande Teatro do Palácio das Artes, em Belo Horizonte, além de outros importantes espaços da região.

A AFFAS tem como importante parceira a Casa da Animação, ONG que realiza atividades formadoras na área da criação e exibição de vídeos de animação, fundada em 1995 por [José] Silvino Fernandes e desde 2003 sediada em Sabará, atualmente presidida por Klauber Silva Malaquias. Estudante de História na Universidade Federal de Ouro Preto, Silvino trocou a sala de aula pelo teatro, atividade que o levou aos palcos da Europa. A ideia de criar a organização foi amadurecida durante os anos que Silvino residiu na Portugal, França e Espanha. O embrião da ONG foi a empresa Fantasiarte, que Silvino manteve durante os quinze anos em que residiu em Portugal e que, trazida para o Brasil, funcionou inicialmente como uma congênere da Casa da Animação lá existente, que liberou a utilização da marca para, tendo como foco de atuação a produção de audiovisuais de animação, escolheu-se a cidade de Sabará por sua localização privilegiada, próximo à Capital, possuindo no entanto ares de cidade tipicamente interiorana. À medida em que atuavam na região perceberam o quanto a cidade era carente de formação e informação e passaram a promover cursos, oficinas e encontros tendo como instrumento o a criação audiovisual, buscando capacitar e informar os jovens e transformar a cidade em um ponto de referência em cinema de animação no Estado. No ano de 2007 a entidade realizou

¹ Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, do Ministério do Desenvolvimento Social.

² Foram servidas 48.000 refeições em 2007, segundo seu Relatório Anual.

atividades nas cidades de Serro (Milho Verde), Itabira, Betim, Belo Horizonte, Sabará, Contagem e no Rio de Janeiro, além de realizar um Encontro Nacional de Animação, cuja segunda versão será patrocinada em parte pelo Fundo Estadual de Cultura, está na fase de preparação para sua a ser realizada no segundo semestre de 2008. A ONG foi também uma das responsáveis pela execução do Programa Agente Jovem e PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil em Sabará em 2007, além de ter apoiado as ações da oficina Tambores Gerais e da Borrachaloteca, principalmente nos processos de registro (captação de imagens) e infraestrutura. Atualmente a Casa inicia um projeto conjunto com a AFFAS para a capacitação de jovens em produção audiovisual.

4.3 Fica Vivo!

O Programa Fica Vivo! Compõe-se de um conjunto de ações integradas cujo objetivo principal é atuar na prevenção de crimes violentos, em especial de homicídios entre a população jovem. Executado pela Superintendência de Prevenção à Criminalidade da Secretaria de Estado de Defesa Social, é implementado em zonas que registram um maior índice de criminalidade violenta no estado, consistindo em dois eixos de ação distintos: “proteção social” e “intervenção estratégica”. No primeiro, busca-se formar uma rede de proteção visando a inclusão social de indivíduos entre 12 e 24 anos residentes nas regiões afetadas, atraídos ao programa pela oferta de oficinas de artes, esportes e capacitação para o trabalho, em parceria com a comunidade, entidades da sociedade civil, Prefeituras Municipais e outros órgãos de Estado. No segundo eixo atuam a Polícia Militar, através do Grupo Especializado em Patrulhamento de Áreas de Risco – GEPAR, e um Grupo de Intervenção Estratégica formado pelo Ministério Público Estadual, Poder Judiciário, Polícias Civil e Militar e Secretaria de Estado de Defesa Social, que diagnosticam e monitoram o fenômeno da criminalidade nas áreas de maior incidência de crimes.

Criado em 2003 e institucionalizado em 2004, o Programa foi implantado em Sabará em junho de 2007, a partir de um diagnóstico elaborado pelo grupo de intervenção estratégica que apontou o bairro Nossa Senhora de Fátima como um dos mais violentos da cidade, com elevado índice de óbito entre jovens¹. Às vésperas de comemorar um ano de existência, o núcleo – localizado na principal rua do bairro e que divide sua sede com outro programa da Secretaria, o Mediação de Conflitos – contabilizou em abril deste ano 440 beneficiários², espalhados por quinze oficinas: Artesanato, “Axé”, Capoeira, *Street Dance/Break*, *Hip Hop/B. Boy*, Futebol, Futsal 1 e 2, Grafite, Informática 1 e 2, Musicalização, Reciclagem, Teatro e Preparação para o Trabalho. Todos os jovens podem participar mas o público alvo são aqueles com envolvimento com a violência. As atividades acontecem de domingo a sábado em diversos pontos do bairro³ e para coordená-las o núcleo possui oito funcionários, sendo: um Gestor, duas Técnicas Sociais, duas Estagiárias, um Auxiliar Administrativo, uma Auxiliar de Serviços Gerais e um Motorista. A cobertura está

¹ Em 2007 16% dos homicídios registrados na cidade ocorreram no bairro Fátima, mesmo número registrado no bairro Castanheiras, na região do Taquaril, onde também foi implantado um núcleo do Programa. Dentre as vítimas, 67% tinham menos de 21 anos de idade e possuíam ensino fundamental incompleto, sendo que 78% eram pretos e pardos.

² A estatística é feita mensalmente, não tendo sido até então computados os dados do mês de maio.

³ “Pontos estratégicos de alcance”, segundo a definição de uma das técnicas.

aos poucos sendo estendida às áreas ainda não atendidas, que não foram incluídas anteriormente por não apresentarem a princípio um elevado índice de violência contra a pessoa, um dos requisitos para a implantação dos pontos.

Os oficineiros foram recrutados entre os moradores da região, assim entendida a área que compreende o bairro Fátima e os demais bairros circunvizinhos, por indicação prévia de lideranças do bairro, bem como em Sabará e Belo Horizonte, alguns dos quais com alguma experiência no programa em outras comunidades. No entanto, a preferência é para profissionais residentes ou próximos à comunidade, que dessa forma socializam os conhecimentos que detêm e potencializam suas capacidades, já que são realizadas também atividades voltadas à capacitação desses multiplicadores. A linguagem (no caso das artes), modalidade (esportes) ou conteúdo das oficinas é definido de acordo com a demanda do público – como as oficinas de informática e esportes, por exemplo – ou pela oferta de oficineiros, que apresentam suas propostas à equipe técnica do programa.

A rigor o critério mais importante para a escolha dessas atividades é a promoção da interação social entre os jovens, o que explica em parte a multiplicidade de conteúdos e linguagens artísticas observada, sem entre algumas delas exista outro nexo senão o fim a que se destinam, multiplicidade que é certamente resultante das escolhas pessoais dos proponentes dessas atividades, que podem tanto ser elaboradas a partir de manifestações tradicionais (como a capoeira, por exemplo) como de elementos da chamada *cultura de massa*, caso específico da oficina de “axé”¹. Elas têm o papel de criar vínculos identitários, reinserir valores, impor limites eventualmente perdidos e fomentar entre os jovens a reflexão sobre sua subjetividade e sua relação com o outro e com o meio em que vivem.

Os parceiros são vários: representantes de associações de moradores, Instituições Educacionais, Maristas, projetos sociais como o Bom Pastor e o Sopão Solidário, a Rede Colaborativa que congrega representantes de empresas, ONGs e clubes de serviço, entre outros. São utilizadas escolas, uma academia, salões comunitários, um campo de futebol e espaços alternativos sendo que alguns são cedidos por parceiros e outros alugados àqueles que apresentam maiores carências financeiras. Para tal fim são destinados recursos financeiros para cada oficina e os “oficineiros” são responsáveis por gerir as verbas, que podem ser utilizadas ainda para quitar gastos com água e energia elétrica, alimentação (“lanche”), materiais de consumo e de limpeza, transporte e outras despesas referentes.

¹ Ou “Axé Music”, como ficou conhecido o movimento eclodido na Bahia, de orientação popular, calcado na em músicas de ritmo frenético, com letras pouco elaboradas e harmonias simplistas, de duplo sentido e cunho estritamente mercadológico.

Para as técnicas do programa o objetivo do programa tem sido alcançado na medida em que os números da criminalidade na região têm recuado nos últimos meses¹, como resultado dessas ações somadas ao trabalho integrado dos órgãos de defesa social. Apesar do trabalho ser focado na prevenção da criminalidade, os efeitos dessas ações nos indivíduos e mesmo na comunidade tendem a ser positivos e duradouros na medida em que são-lhes proporcionados espaços para potencialização de suas habilidades físicas e intelectuais que, quando isentas de reflexão e acompanhamento, podem quando usadas sê-lo de maneira negativa e prejudicial a si e a outrem.

¹ Dados oficiais revelam que nos três primeiros meses de 2008 ocorreram na região 16% dos homicídios registrados na cidade, mesmo percentual do ano de 2007. No entanto o mês de fevereiro foi considerado “atípico” pelas autoridades de segurança dado o elevado número de ocorrências registrado.

4.4 Um Jeito Diferente de Ler o Mundo: a Borrachaloteca de Sabará

A Borrachaloteca de Sabará é uma entidade civil sem fins lucrativos, considerada de utilidade pública para o município¹ e tendo como objetivos formais o fomento à prática da leitura, a difusão cultural e o aprimoramento humano². Mixto de borracharia e biblioteca – daí o neologismo do nome³ fantasia, sua razão social é “Instituto Cultural Aníbal Machado”, denominação escolhida em homenagem ao grande escritor, nascido em Sabará, remontando suas atividades ao ano de 2002. Integra a Associação de Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com amplo diálogo com os principais organismos de fomento à leitura do país, tendo colaboradores espalhados por todo o país e no exterior. Seu acervo literário é composto por aproximadamente 8000 obras, dentre as quais romances, livros didáticos e paradidáticos de diversos níveis, enciclopédias, dicionários, publicações científicas, “gibis” e livros infantis, cuja manutenção é realizada por agentes voluntários, em espaço mantido com recursos próprios.

A Borrachaloteca é um espaço bastante peculiar. Localizado em uma praça – a única – do bairro das Caieiras, próximo ao centro da cidade, foi se desenvolvendo aos poucos entre os pneus que o jovial e bem humorado Joaquim Damascena guardava pelos cantos de sua borracharia, onde ensinou ao filho Marcos Túlio os segredos da profissão. Túlio, como habituou-se a ser chamado o rapaz, desde tenra idade é um aficionado por literatura, sendo a leitura sua principal ocupação nas horas de folga. Por esse motivo começou a levar seus livros para o trabalho: Machado de Assis, Ledo Ivo, Adélia Prado, algumas revistas. Aos poucos as pessoas começaram a mostrar interesse, doar livros que não queriam mais, outras pediam emprestado. Isto operou uma mudança no lugar. Os tradicionais pôsteres de mulheres seminuas em posições provocantes sumiram de vez, improvisaram-se assentos com peças absoletas de veículos e penus velhos, a pequena estante antes espremida a um canto multiplicou-se pelas paredes da oficina e em menos de dois anos já contava com quase mil obras: romances, dicionários, enciclopédias, revistas, gibis, dicionários, além de jornais que Túlio comprava diariamente e disponibilizava para quem quizesse. Surgia assim a Borrachaloteca. Bem humorado como o pai, Túlio tinha entre seus muitos clientes com um cartunista famoso, Gerson “Son” Salvador, que apresentou-o à

¹ Lei Municipal nº. 27/07.

² Assim expressos em seu estatuto.

³ Quem primeiro utilizou o termo foi o jornalista sabarense Vítor Hugo (entrementes radicado na Inglaterra) em um jornal local.

midia impressa. A partir de então a borracharia-biblioteca tornou-se sensação nas páginas dos mais importantes jornais do país. Virou matéria de programas de televisão – alguns de emissoras “educativas” – e tema de video-documentários, de revistas de circulação nacional e de artigos publicados na *intenet*¹. Tornou-se popular, conhecida em todo o país. As doações quintuplicaram-se, vindas de todo o país. Escritores, entidades, particulares doaram, até um Senador da República enviou livros. Seu acervo em 2005 já contava com cerca de 6000 exemplares, que por restrições de espaço foram divididos entre a casa de Túlio e a borracharia. A partir daí as obras que chegavam passaram a ser separadas em três categorias básicas: “literatura” – compreendendo todas as obras de ficção e não-ficção, para-didáticos – gastronomia, artes etc. – e os “didáticos”, que durante algum tempo constituíram o grosso das doações, além dos “recicláveis”, volumes sem condições de uso por seu conteúdo ultrapassado – principalmente no caso dos didáticos – ou por apresentarem cortes, mofo em excesso, faltarem páginas atc., cuja utilização poderia comprometer a saúde dos usuários. Juntamente com seu acervo, a Borrachaloteca viu multiplicarem-se também os colaboradores e a necessidade por um espaço mais amplo e dinâmico. Em reunião no Palacete Dantas, sede da Secretaria de Estado da Cultura, na Praça da Liberdade em Belo Horizonte, o Secretário-Adjunto Marcelo Braga de Freitas recomendou a formalização da iniciativa através da criação de uma entidade registrada, o que possibilitaria a realização de parcerias entre a Borrachaloteca e órgãos do Estado. Dias antes Marcos Túlio, o musicista e historiador Jorge Dikamba e o administrador Sérgio Hirle estiveram no lançamento de um programa do governo estadual voltado às bibliotecas públicas do interior do estado, quando o governador Aécio Neves mostrou-se bastante interessado pelo trabalho realizado, tendo também a Secretária de Cultura, Eleonora Santa Rosa, demonstrado estar bastante bem informada a respeito, declarando-se uma entusiasta da ideia. A Superintendente de Bibliotecas Públicas do Estado, Maria Augusta Cesarino, disse também possuir diversos recortes de jornais sobre a Borrachaloteca. Na ocasião o governo entregava *kits* para a criação de bibliotecas em dezenas de cidades do estado, e intermediou a doação por uma empresa privada – já que sendo informal a Borrachaloteca não poderia ser beneficiada com uma doação direta do Estado – de trezentos livros novos, voltados para o público juvenil, similares aos que foram enviados às bibliotecas da rede. Assim, em agosto de 2005 foi fundado o Instituto Cultural Aníbal Machado, tendo Marcos

¹ Disponível na página <http://www.teresagodoy.com.br/marcos.htm> .

Túlio como Presidente e Dikamba como Vice, além de dois secretários, dois tesoureiros e um Conselho Fiscal composto por seis membros, tendo Joaquim Damascena como “Membro Honorário”.

As ações diversificaram-se. Além dos empréstimos residenciais sem burocracia, bastando escrever num livro o nome do usuário e o livro retirado, passaram a acontecer outras atividades no exíguo espaço da borracharia e na praça em frente: contação de histórias, apresentações teatrais e oficinas. Por essa época ocorria em um sítio na *internet* uma discussão sobre a falta de apoio da municipalidade à iniciativa. Um assessor da Secretaria Municipal de Patrimônio Cultural teria dito a um rapaz que o secretário não visitou a borrachaloteca por não ter sido convidado. Se esse foi ou não o motivo o fato é que a informação foi parar na internet e dezenas de pessoas postaram comentários indignados. Como até o prefeito já havia visitado a biblioteca duas vezes, cobrou explicações. O assessor negou ter dito aquilo, ameaçou processar o rapaz e o Instituto publicou uma nota¹ na rede, na qual informava que a Prefeitura não tinha até então auxiliado a ação por força da Lei de Responsabilidade Fiscal, já que a Borrachaloteca não era uma entidade registrada, mas que a partir da criação do instituto abria-se essa possibilidade. Depois disso a prefeitura passou a patrocinar o aluguel de uma sala contígua, que possibilitou a melhoria no atendimento. As estantes foram construídas com recursos advindos de doações, foi realizada uma festa na praça na qual arrecadaram-se fundos, a Caixa Econômica Federal doou prateleiras e um computador.

Em julho de 2007 a Borrachaloteca foi tema do programa “Globo Repórter”, da Rede Globo de Televisão², o que gerou grande repercussão na cidade e proporcionou mais visibilidade. A ação já havia sido focalizada pelas lentes da emissora anteriormente, tendo inclusive sido exibida nos programas “Fantástico” e “Mais Você”, além de ter merecido especial atenção das emissoras Record, SBT, Canção Nova, Rede TV!, TV Escola e Rede Minas, mas sua inclusão na grade do programa conferiu-lhe um novo *status* perante a comunidade. Centenas de livros chegaram, provenientes de toda a região metropolitana e também de diversas partes do país, o número de empréstimos foi ampliado e pessoas que assistiram ao programa em outros estados da federação telefonaram dizendo-se emocionadas com o trabalho. Tanto que os atores Adriano Cabral e Riva Santos vieram de Pernambuco apresentar gratuitamente o espetáculo “O Desejo de Catirina”, com intensa

¹ Sobre o fato acessar: <http://www.overmundo.com.br/overblog/conhece-a-borrachaloteca> .

² Exibido em 6 de julho de 2007, coincidentemente data natalícia de seu idealizador, Marcos Túlio Damascena.

participação da comunidade local, que solicitada pelos artistas não se negou a assumir vários papéis no enredo. Durante as comemorações do 5º aniversário da Borrachaloteca foi realizado em setembro o 1º Encontro Intermunicipal de Contadores de Histórias, com a presença de 15 contadores das cidades próximas e de um público de duzentas pessoas da comunidade, contando com diversas atrações locais e artistas de Belo Horizonte.

Ao longo do ano de 2007 foram realizadas ainda uma palestra na Escola Estadual Zoroastro Viana Passos para cem pessoas, uma no laboratório Lilly em São Paulo/SP para 350 pessoas, uma participação em mesa redonda (2º Salão do Livro de Ipatinga/MG) para 400 pessoas, três apresentações artísticas para 250 pessoas cada, quarenta tardes culturais (contação de histórias, saraus, exibições cinematográficas) para quarenta pessoas, que somados aos 2400 atendimentos a usuários com 1920 empréstimos residenciais em média foram beneficiadas diretamente 3500 pessoas de diversas classes sociais e distintos níveis socio-educacionais, com predominância e estudantes do ensino fundamental e moradores da comunidade.

Em reconhecimento a suas ações de incentivo à leitura a Borrachaloteca recebeu dos Ministérios da Cultura e da Educação e da Fundação Satillana o 1º lugar no “Prêmio Viva Leitura 2007”, na categoria que engloba as bibliotecas públicas, privadas e comunitárias. Sobre ela foram publicadas cinco matérias publicadas na mídia impressa, três entrevistas no rádio e seis na mídia televisiva, com projeção nacional.

Em 2008, até o mês de maio foram exibidas nove matérias na imprensa, com destaque para as edições de números 212 e 18 (Especial Leitura) da revista Nossa Escola, que coincidiram com o início da divulgação da Borrachaloteca em *banners* nos pontos de ônibus, a oferta de uma sala para implantação de uma célula no Centro de Atenção Psicossocial no bairro Nações Unidas, em Sabará, e a participação em uma mesa na Bienal do Livro de Minas, megaevento literário promovido pela Câmara Mineira do Livro entre os dias 15 e 25 de maio.

No início de 2008 foi encaminhado um projeto orçado em R\$115.160,94 à Secretaria de Estado da Cultura visando o patrocínio do Fundo Estadual de Cultura, para manutenção de três pontos de leitura na cidade, com disponibilização de acesso gratuito à internet e criação de sítio na rede, mas um erro técnico impediu que o projeto fosse analisado pela comissão responsável. Não obstante, foi disponibilizado um espaço pela professora Maria de Lourdes Reis em sua aprazível residência localizada na entrada do

bairro Cabral¹, para alocação de um ponto de leitura. O espaço, denominado “Sala Son Salvador” em homenagem ao cartunista, tendo sua inauguração ocorrido 1º de junho de 2008 com grande festa, inclusive com a presença de uma banda de música², que executou o Hino Nacional Brasileiro e os tradicionais dobrados. “Dona Lurdinha” como é popularmente conhecida a professora, é narradora de histórias e uma das mais entusiasmadas colaboradoras da Borrachaloteca. O espaço, batizado “Sala Son Salvador” em homenagem ao cartunista sabarense, grande divulgador da Borrachaloteca, tem capacidade para abrigar em torno de cinco mil exemplares, além de mesanino e atividades de mediação de leitura, sendo sua implementação, manutenção e atividades desenvolvidas por agentes voluntários da comunidade, além da equipe do Instituto Aníbal Machado.

Ainda para o ano de 2008 foram programadas cinco oficinas – das quais “Livro Artesanal” ministrada pela artesã Ana Maria Possas Machado e “Literatura de Cordel e Xilogravura”, ministrada pelo cordelista Olegário Alfredo (Mestre Gaio) foram realizadas com a presença de 23 e 62 participantes respectivamente – além de seis esquetes teatrais, nove atividades de narração de histórias e apresentações diversas, em parceria com a Associação das Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte – Sabic, que tem disponibilizado cursos de capacitação e atualização aos colaboradores da Borrachaloteca. A estréia das esquetes foi com o monólogo “O Segredo do Bruxo”, com o ator Rodrigo Leste, enfocando a vida e obra do escritor Machado de Assis, realizada no teatro da Fundação Arcelor Mittal. A oficina de Literatura de Cordel foi ministrada nos dias 6 e 8 de junho na cidade de Pirapora, no Norte de Minas, onde foi também realizado um sarau literário com participação de Jorge Dikamba & Filhos (Oficina Tambores Gerais), a convite do pescador “Léo do Peixe”, um importante fomentador da leitura naquela cidade e parceiro da Borrachaloteca.

Foram programados também um (2º) Encontro Intermunicipal de Contadores de Histórias, um Encontro Regional da Cultura Popular, mostras de cinema, exposições e saraus poéticos. Uma exposição considerada de extrema importância pelos gestores da iniciativa cujo tema é a vida [e a obra] de Aníbal Machado, “patrono” da instituição, organizada pela Secretaria de Estado da Cultura, deverá ser realizada no segundo semestre

¹ O bairro tem registrado índices elevados de criminalidade na região central da cidade, tendo merecido especial atenção das autoridades de segurança responsáveis pela área, conforme Relatório elaborado pela 30ª Delegacia Regional de Polícia Civil, com colaboração de policiais da 15ª. Cia. Independente da PMMG, ao qual tive acesso.

² A banda em questão é a Corporação Musical Santo Antônio de Roça Grande, regida na ocasião pelo professor Marcelo Umbelino.

de 2008, fruto de uma parceria celebrada entre a Borrachaloteca e a Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais.

4.5 A Orquestra Jovem Santa Cecília

O centenário Teatro Municipal de Sabará, que em outros tempos ostentou o título de “Casa da Ópera” tem fama de possuir uma das melhores acústicas da América Latina. Construído por volta de 1770, em fins daquele século passou por um período de decadência, sendo reconstruído no início do século XIX, reabrindo suas portas em 1819. Os dois imperadores do Brasil nele estiveram e, diz-se, nele foi dado um xeque-mate no absolutismo que rondava a política do Primeiro Império¹. O burburinho da plateia parece não incomodar os jovens artistas que, elegantemente trajados, aguardam o momento exato de empunhar seus instrumentos sob a batuta do experiente maestro. Artistas que apesar da pouca idade não se parecem com os expansivos adolescentes que, acompanhados dos pais e irmãos, apinham as galerias do teatro. A dignidade com que se apresentam contrasta com a excessiva liberalidade observável do lado de fora do teatro, na rua bem em frente, onde uma juventude cada vez mais isenta de senso crítico embriaga-se noite adentro. Sua postura no palco reflete dois séculos de tradição no ofício musical, um orgulho para a cidade. Abrem-se as cortinas, silencia-se a turba, inicia-se o espetáculo.

Perto dali, no Centro Histórico da cidade, um discreto sobrado abriga a mais antiga das corporações musicais de Minas, a Corporação Musical Santa Cecília. Fundada em 1781, a Sociedade foi a responsável por toda a trilha sonora do século XIX, tocando inclusive para os monarcas quando de suas estadas na localidade. Tocavam-se músicas sacras ou profanas, de acordo com a ocasião e o ambiente. Tradição passada de pais para filhos, nos anos 1940 a Sociedade Santa Cecília teve sua orquestra desativada, permanecendo apenas com as atividades da banda.

Diante da necessidade de uma formação contínua de músicos para a continuidade das atividades da instituição e diagnosticando uma grande demanda por parte da comunidade externa em 2003 o grupo dirigente teve a iniciativa de reativar a orquestra, como uma escola para adolescentes da comunidade. Foram cerca de três anos para que o grupo atingisse um nível satisfatório, passando a realizar audições e apresentações conjuntas com corais.

¹ Refiro-me de fato alardeado pelos entusiastas locais: quando de sua visita à Fidelíssima Vila Real de N. S. da Conceição de Sabará em 1831, no auge de uma das muitas crises políticas de seu reinado e tendendo ao absolutismo, após o habitual “Viva o Imperador”, D. Pedro I teria ouvido um dos presentes completar “enquanto for este **constitucional!**...”, ao que Sua Majestade houve por bem retornar à Corte, abdicando do trono e retirando-se para Portugal.

A maioria dos integrantes da formação inicial permanece até hoje e o elevado nível exigido pelos coordenadores da ação possibilitou a vários deles serem aprovados em vestibulares nas principais escolas de música da região, sendo hoje alunos das universidades Estadual e Federal de Minas Gerais, além de pelo menos uma aluna ter sido selecionada para a Orquestra Jovem do Palácio das Artes. Segundo seu Vice-Presidente, Carlos Roberto Umbelino, a qualidade do ensino na Sociedade faz com que em exames vestibulares os seus alunos superem com facilidade estudantes com cinco a oito anos de estudos musicais em outras instituições. A entidade incentiva seus alunos a participarem de atividades em outras instituições como forma de ampliar suas referências artísticas, a exemplo da aluna Sofia Coutinho, que além de estudar viola e ser membro da Orquestra Jovem é também integrante do Coral Juvenil Júlia Pardini (em Belo Horizonte) e cantora, percussionista e na Oficina Tambores Gerais, além de ter participado no grupo percussivo Chicas da Silva, da Associação Cultural Tambolele, em Belo Horizonte.

A sociedade possui atualmente em torno de cem membros, entre músicos e alunos, estes participando de várias atividades da Sociedade. Sua diretoria é composta por 22 membros, ocupantes dos cargos de Presidente e Vice, Secretários, Tesoureiros, Conselheiros, Arquivista, Orador, Regente e Auxiliar de Regente, porém as atividades cotidianas são geridas mais diretamente por apenas cinco dessas pessoas, atuando voluntariamente.

A entidade tem como parceiros a Prefeitura, que remunera o maestro da banda¹ – inicialmente formado na própria instituição e graduado, posteriormente graduado em música pela UEMG – e o Centro Universitário Uni-BH, que mantém quatro professores e o maestro da orquestra. A Faculdade de Sabará firmou convênio de colaboração com a Sociedade Musical, mas na prática tal parceria não funciona.

A Prefeitura Municipal destina uma subvenção anual de R\$30.000,00, que deve ser gasta em quatro meses, o que impossibilita sua utilização para a manutenção da entidade ao longo do ano. Para complementar essa receita a Sociedade cobra um *cachet* simbólico de um salário mínimo por apresentação, o que é ainda insuficiente para sua manutenção, já que indumentárias, instrumentos, acessórios e reformas têm em geral custos elevados.

¹ A Prefeitura Municipal de Sabará há alguns anos remunera os regentes das corporações musicais existentes no município.

As entrevistas realizadas foram importantes para se entender qual o significado da cultura para as organizações que fazem de suas manifestações seu instrumento de ação. Foram gravados 1h44min de depoimentos que, não obstante serem em alguns casos permeados de divagações e ilustrações pouco objetivas, forneceram muitas informações acerca da razão que leva algumas pessoas a se envolverem em atividades culturais inclusivas, como as aqui abordadas.

Para a pedagoga Helena de Freitas Santos, supervisora da Oficina Tambores Gerais, as atividades desenvolvidas pelo grupo são importantes para despertar habilidades que as crianças e jovens possuem, muitas vezes adormecidas, além de ocupar-se o tempo ocioso com atividades de qualidade, ampliar seu acesso a espaços e bens culturais, para muitas pessoas praticamente inacessíveis dadas as dificuldades de deslocamento, indisponibilidade de recursos financeiros e mesmo pela falta de informação. Auxilia a ampliar as possibilidades de mundo desses indivíduos que em geral tem muitas vezes muito poucas possibilidades de locomoção, de deslocamento, por questões de poder aquisitivo e até de acesso.” Para o percussionista Hélio “Senegal” Félix, que nos dois últimos semestres compartilhou a função de instrutor com Sofia Coutinho, a cultura é de extrema importância para a sociedade por ser fator de integração social, perpassando todas as instâncias do cotidiano, o que ele resume com uma definição que em si exprime seu entendimento pessoal sobre o tema. *“A cultura é tudo!”*

Ricardo Antunes, Presidente da AFFAS, entende que os projetos culturais são importantes por oportunizar acesso aos bens culturais, à informação, gerando transformações tanto na esfera individual como na comunidade mais ampla, sendo instrumento de integração do indivíduo nas comunidades em que atuam e destas no contexto mais amplo da metrópole, com é o caso da região. Diz ele: *“[Eu acho que] a importância das atividades culturais em um primeiro momento é de a gente oportunizar acesso; veja uma comunidade como essa, com em torno de trinta e cinco mil habitantes e que ’tá alijada do processo de acesso aos bens culturais que estão disponíveis por aí: ela é periferia duas vezes: periferia de Sabará, do Centro Histórico da cidade e periferia de Beagá, nós estamos aqui a quinze minutos da Praça7 e essa comunidade não acessa, não faz parte, não sabe como acessar o que acontece na metrópole de mais fantástico; tem festivais os mais diversos, tem festivais de dança, tem festivais de teatro, tem festivais de cinema, a comunidade não consegue acessar os bens culturais por causa da sua formação cultural, por causa da sua mobilidade, do meio familiar em que vive; a maior parte é composta de pessoas mais*

simples, que estão na base da pirâmide socioeconômica do país, trabalha o dia inteiro... a própria família não vem construindo com seus filhos com seus membros a possibilidade de acessar os bens culturais(...)” Em sua visão a cultura é essencial na formação do homem, é forma de expressão e de ocupação de espaços e “combustível” para a formação social.

O percussionista Edmercio Rezende de Moura, o “Manjado”, professor de música na AFFAS, entende que as atividades culturais que a entidade desenvolve atuam diretamente no crescimento pessoal de todos os envolvidos, redefinindo valores, reforçando a autoestima, proporcionando aos indivíduos uma efetiva inserção social. *“Hoje a casa deve atender mais de quatrocentos alunos, é uma casa muito pequena pra tanta gente, eu faço uma reunião com vinte alunos vêm vinte pais, quer dizer, isso vai dilatando na comunidade, os pais sentiram a melhora que causou a música na mudança no comportamento de seus filhos, qual a importância do menino não estar na rua, da gente não deixar o menino à mercê de pessoas que não agem de boa fé... e parar de dizer que comunidade é qualquer lugar, da comunidade se extraem coisas boas... a gente viabiliza a possibilidade, por exemplo, se você nunca ouviu jazz como é que você pode falar que não gosta [de jazz] se você nunca ouviu? (...)*

Para José Silvino, da Casa da Animação, a execução dos projetos sociais funciona como *“pequenas chamas no seio da escuridão”* que, embora não resolvam os graves problemas sociais do país, possibilitam uma melhoria ainda que diminuta das condições de vida das populações em situação de risco, sendo as atividades culturais o melhor instrumento para a realização desses projetos, proporcionando conhecimento necessário ao crescimento individual e ao desenvolvimento das comunidades às quais atendem. *“Se existe uma escuridão absoluta e você tem um palito de fósforo, aquele lumezinho, aquela chama já é importante dentro de um contexto de escuridão total, o que é melhor, a escuridão absoluta ou uma chaminha de um fósforo? Acho que esses programas sociais são pequenas chamas dentro dessa escuridão(...) Agora, o que eu acho mais importante é que o Brasil ’tá encontrando um caminho de coisas muito específicas, tem determinados programas sociais que viram referência, de dança, de teatro, de cinema porque a gente é um país muito rico culturalmente e ao mesmo tempo muito pobre financeiramente e esse viés do cultural ligado ao social é um caminho que o Brasil ’tá encontrando (...) um viés diferente e que ’tá funcionando muito bem, eu tenho visto grupos (...) que estão fazendo coisas espetaculares (sic) com crianças e com jovens que com certeza quando não existiam esses programas sociais não tinham oportunidade de participar desses projetos.”*

Por sua vez, a cultura é vista como um importante fator de socialização dos indivíduos, a partir de suas manifestações (literatura, música, folguedos), sendo um instrumento de prevenção aos males sociais da sociedade atual. *“Eu não consigo ver a cultura sem a educação e a educação sem a cultura... a cultura é a prevenção pra isso que a gente tá vendo aí, o jovem não tem perspectiva, é droga, é tráfico, é marginalidade... se a pessoa tem possibilidade de tá envolvida num projeto cultural, um projeto social, educativo ela com certeza vai estar construindo um futuro melhor(...) é de fundamental importância, é a coisa mais importante que existe, é “o pilar do ser humano”.* Sua opinião é que o Estado deve dispensar mais atenção às boas ideias do setor, investindo cada vez mais em sua promoção.

Para as técnicas do Programa “Fica Vivo!” as ações são utilizadas como instrumento que possibilita aproximar os jovens do programa e afasta-los das situações de risco. Representam ainda um “movimento social”, na medida em que geram uma movimentação positiva da qual a comunidade é bastante carente. As atividades desenvolvidas são as portas de entrada para o público-alvo, a partir da qual os jovens passam a desenvolver estratégias de vida, reforçam identidades e criam vínculos sociais. Ao imporem regras, inserem ou reconstroem valores, intervindo diretamente nas vidas dessas pessoas, possibilitando sua emancipação e autonomia, apesar do contexto de exclusão em que vivem. Elas entendem a cultura como o que diferencia o homem das demais espécies que habitam o planeta. Tomando como referência a linguagem, a cultura é o que torna o indivíduo um ser dotado de humanidade. *“A cultura, a arte é que tornam a partir da linguagem a sociedade numa sociedade... o ser humano sem a linguagem, sem as falas, sem a expressão do saber [ele] não é um ser humano (...).”*

Marcos Túlio Damascena, Presidente da Borrachaliteca entende que a realização de atividades culturais nos moldes aqui abordados são importantes por oportunizar às comunidades acesso a bens culturais a elas não muito acessíveis, o que no caso específico de sua entidade, é a literatura em seus diversos formatos. A literatura condensa conhecimento, é um meio de conservá-lo e transmiti-lo a um receptor indeterminado. *“Os projetos culturais servem para contribuir com as ações do Estado para fazer com que a comunidade tenha alguns acessos, no nosso caso o acesso a livros e em outras ações acesso a vários outros conhecimentos (...).”*

Águeda Costa, Secretária da entidade, cita Goethe ao dizer que *“(...) a leitura é o ato de desatar nós cegos, a gente vai tentando, através da leitura, da literatura desatar os nós mais cegos que surgem pela vida afora... A cultura é o que salva o homem. Acho que*

Deus deve ficar lá de cima olhando e pensando assim: o mundo só vale a pena porque os homens atinaram que tem que ter esse desvão. Tem a violência, tem a miséria, todo tipo de miséria humana, mas tem a cultura que salva (...)” A cultura, aqui entendida especificamente sob o viés artístico, é entendida como uma alternativa do homem à sua própria beligerância, ainda que a violência possa ser um produto da cultura.

Mas não é suficiente disponibilizar os bens culturais, muitas vezes é necessário fornecer também instrumentos para seu entendimento, fomentar sua apropriação, o que só pode ser feito por aqueles que detêm esses instrumentos – conhecimentos, gostos, hábitos – e dispõem-se a dividi-los com seus semelhantes. Questionados sobre qual a importância do trabalho que sua entidade desenvolve, o Presidente da Sociedade Musical Santa Cecília, Antonio Oliveira e seu Vice, Carlos Umbelino, entendem que elas geram de certa forma uma proteção social para os participantes, reforçam nos participantes o senso crítico [e a autocrítica] e de organização, fomentam a participação social e política, valorizam o trabalho em equipe, ocupando a mente e o tempo de maneira sadia, o que resulta positivamente para a coletividade, evitando riscos sociais aos quais os jovens estão cada vez mais expostos. Sua opinião é que a cultura tem importância fundamental porque é algo que perpassa todas as áreas da formação dos indivíduos, traduzindo uma ideia de coletividade, um “sentimento” de pertencimento, de identificação que os agrega em torno de suas manifestações. Na visão de Umbelino “(...) *as pessoas querem ser melhores, querem ser diferentes e o município, o estado que enxergarem isso mais rápido deles vai ser ter um povo mais feliz um povo mais educado, mais civilizado, [com] uma autocrítica melhor, [com] condição de cobrar mais (...)*”

Ao se perguntar a respeito da *importância* da cultura para a sociedade, não se questionaram as pessoas a respeito de seu entendimento particular sobre o *significado* do termo. No entanto, ao tentar justificar suas respostas, alguns entrevistados apresentaram certa dificuldade em conceituar o termo *cultura*, de verbalizar seu significado a partir do próprio entendimento, em parte por ser a cultura algo que para essas pessoas é parte de sua vida, algo que não precisa ser explicado porque simplesmente *é*. Essa dimensão [o devir] da cultura parece estar intimamente ligada à percepção de ser ela algo inerente ao grupo ao qual se pertence e à interação entre os semelhantes que partilham algo em comum, para além da simples proximidade territorial. Levados a uma reflexão mais profunda puderam concluir, ainda que por caminhos diferentes, que a cultura engloba nossas próprias ações e realizações, nossos usos e costumes, sendo o que nos diferencia dos seres irracionais, o que está de acordo com os pressupostos teóricos aqui adotados.

Se entre os sujeitos diretamente responsáveis pela ocorrência de tais atividades, a maioria inclusive com formação superior, conceituar *cultura* não é uma tarefa fácil (como foi o caso da maioria da amostra), para o cidadão médio, principalmente nas classes cultural e socialmente excluídas, a dificuldade pode ser bem maior.

As respostas aos questionários aplicados mostraram que dentre os beneficiários pesquisados 4% participam das atividades a menos de três meses, 4% entre três e seis meses e 92% a mais de seis meses [tabela 1]. No caso do Programa “Fica Vivo!” 20% foram levados por indicação de amigos, enquanto os demais 80% envolveram-se por interesse próprio. Esses dados são importantes uma vez que o programa destina-se em princípio a jovens em situação de risco, sendo todas as opções elencadas passíveis de ocorrência.

Sobre a razão de participar das atividades, a maioria (92%) dos participantes informou ser para ampliar conhecimentos; 4% unicamente para contribuir na melhoria da comunidade e 4% para ajudar outras pessoas [tabela 2].

Os participantes responderam ainda que seus objetivos incluíam conhecer outros lugares (12%), conhecer pessoas, fazer amigos e contribuir na melhoria da comunidade (28%), divertir-se (12%), ajudar outras pessoas (16%), fugir das más companhias (12%) e intergrar-se socialmente (8%) [tabela 3].

Todos os participantes responderam que a participação nas atividades trouxe algum benefício, definido como: ampliação de conhecimentos e/ou aquisição de competências técnicas (48%); crescimento pessoal, maior responsabilidade, mais autoconfiança e melhor concentração (16%); mudanças comportamentais, melhoria de convívio e melhoria no bem-estar pessoal (12%); aquisição de novos amigos (12%) e acesso a lugares diferentes (8%). Os 4% restantes não definiram de que forma foram beneficiados [tabela 4].

Sobre a importância das atividades desenvolvidas pelas entidades para a comunidade e para a cidade onde vivem, todas responderam positivamente, sendo motivos: o incentivo à formação e ampliação de referências culturais (24%); a aculturação da comunidade [a partir da socialização de informações], possibilitando seu crescimento (12%); a potencialização (desenvolvimento ou afloramento) das capacidades individuais e talentos e a criação de oportunidades (8%); as possibilidades de socialização (8%); a possibilidade de ocupação útil e prazerosa (8%); a instrumentalização da comunidade (8%); a qualidade das atividades (8%); a constatação de que *alguns jovem preferem o caminho do bem e não as drogas* (4%); a possibilidade de melhoria relacionada com a distinção social (4%); a geração de bem-estar (4%); por suprir em parte a carência por

atividades culturais e formadoras (4%) e *tirar crianças da rua* (4%), sendo que os restantes 4% não especificaram o motivo [tabela 5].

A análise dos dados mostra que a maioria dos participantes da pesquisa pode nunca ter feito anteriormente uma reflexão cuidadosa sobre o significado da cultura, sempre considerada a partir de um senso comum que não se preocupa em entendê-la, tratada muitas vezes como um bem do qual se apropria ou de um universo ao qual se pertence, alguns visualizando a cultura apenas sob a perspectiva condensada das atividades artísticas às quais estão efetivamente ligados. Os poucos (4%) que não especificaram suas razões para pensar dessa forma fizeram-no mais por uma incapacidade [talvez momentânea] de expressar suas razões do que por não tê-las, o que permite incluí-los no grupo dos que entendem a cultura como sendo de grande importância para si e para as comunidades onde vivem e atuam. A cultura é por eles relacionada sempre com coisas positivas: ampliação de conhecimentos, aquisição de competências, melhoria na sociabilidade e no bem-estar, aquisição de novos amigos, possibilidade de acesso a lugares e informações.

Um efeito importante e imediato deste estudo sobre a população pesquisada foi o estímulo à reflexão sobre o sentido do trabalho que essas pessoas realizam e sobre o conceito de cultura e sua percepção a respeito da importância da cultura para a sociedade. Muitas vezes atrelados a uma rotina que exige cada vez mais energia e aprendizado, face às novas tecnologias que têm sido incorporadas ao universo da produção cultural, essas pessoas não se dão a oportunidade de refletir sobre a dimensão infraestrutural da cultura, reduzindo seu entendimento a algumas de suas manifestações. Essa reflexão pode assim levar a um aprimoramento de suas ações na medida em que pode tornar claros o significado e a importância contidos em seu objeto de trabalho e na essência mesma de sua ação.

O prolongado convívio com crianças e adolescentes, como pai e educador, possibilitou-me os conhecimentos necessários para compreender o sentido de suas respostas, muitas vezes encobertos por uma incapacidade de expor integralmente o pensamento, ou mesmo pela capacidade sobreutilizada de condensar as ideias em expressões cujo real significado, em seus contextos específicos, somente quem compartilha do mesmo ambiente de ideias e experimentações poderia compreender. Frases como “*aula assim não tem em lugar nenhum do mundo!*” evocam uma ideia de qualidade (a aula é boa), de territorialidade (o “*mundo*” inclui sua cidade, logo é privilégio dos que nela habitam) e encerram a ainda uma afirmação do motivo maior para dela participar: o gostar.

Interessante notar que dentre os beneficiários que responderam “ajudar outras pessoas” como o porquê da sua participação nas atividades foram justamente os que

demonstravam perfil de *multiplicadores*, ajudando os professores na execução das tarefas, auxiliando os colegas em dificuldades, dividindo com os demais os seus próprios conhecimentos. Outro ponto importante a ressaltar é a questão da distinção social presente em uma das respostas. Ao dizer que as atividades são importantes por que “*os adolescentes ficam no caminho do sucesso*”, esse indivíduo denota um entendimento de que a não participação em atividades afins representa um tipo de fracasso, exprimível pela qualidade das [poucas] escolhas que os jovens se veem forçados a fazer. O *sucesso* seria assim a recompensa final para aqueles que têm a oportunidade de delas participar, o que pode estar relacionado ainda à fama e dinheiro resultantes de uma carreira artística bem sucedida, conforme preceituam os programas de televisão aos quais esses adolescentes normalmente assistem.

Quando questionados sobre se participar das atividades trouxe-lhes algum benefício, os que tinham como motivação ampliar seus conhecimentos responderam, sem necessariamente atentar para a relação existente entre as respostas dadas, que o benefício auferido foi justamente a ampliação de seus conhecimentos e/ou crescimento pessoal, o que significa que seu objetivo foi ou tem sido alcançado.

A participação em atividades culturais pode tanto representar um caminho para o reconhecimento social de sua importância enquanto sujeitos como uma ocupação ao mesmo tempo útil e prazerosa, o termo “*útil*” usado em contraposição à ociosidade que – exceto pelo futebol e outras raras atividades esportivas – campeia entre os jovens na periferia contribuindo para sua exposição a diversos riscos sociais: educação deficiente, uso de drogas, violência, abandono etc. O prazer que sentem ao delas participar gera neles uma sensação de bem-estar que em alguns casos parece sobrepor-se às dificuldades enfrentadas cotidianamente, sejam elas de ordem estrutural, econômica ou social. Isto é algo que pode ser percebido, sentido, no curto espaço de tempo transcorrido entre o início e o fim de uma atividade, seja ela uma aula de dança ou ensaio de orquestra, usem eles computadores e equipamentos de última geração ou latas velhas com instrumentos musicais.

CONCLUSÕES

Para os participantes das atividades enfocadas a cultura é um instrumento que permite diferentes apropriações. Pode ser utilizada para prevenir e minorar os males resultantes dos desajustes sociais – com destaque para a violência – e para fomentar a coesão social, a inserção dos excluídos, a afirmação de valores, a valorização do indivíduo. Se antes esses sujeitos poderiam ser tratados pela sociologia como *excluídos*, embora provavelmente suas referências culturais não lhes possibilitassem uma reflexão nesse sentido, ao participarem de tais atividades sentem-se *incluídos* em uma categoria de pessoas diferente de outras com as quais convivem: os “*velhos*” pais ou avós, que geralmente não detêm o conhecimento das novas tecnologias e linguagens, os “*noiados*” que perdem seu tempo e sua vida no vício das drogas, os que de uma maneira ou de outra são envolvidos pela violência ou pela pobreza que os cerca. É preciso ressaltar que a pobreza à qual se referiu supera o sentido econômico que lhe é atribuído pelo senso comum. É uma somatória de impossibilidades, muitas vezes traduzidas em incapacidades individuais, como a de buscar novas informações, novos relacionamentos sociais, novos referenciais além dos ditados pelos meios de comunicação de massa e pelo consumismo. Embora em geral não disponham de conhecimentos aprofundados a respeito do tema *cultura*, seu posicionamento diante das atividades das quais participam (ou que gostariam de participar caso as houvessem em suas comunidades) demonstra que, se não apresentam ainda condições de apreender amplamente o sentido sociológico de *cultura*, têm a convicção de que é algo bom para si e para a comunidade.

Quando os indivíduos passam a vivenciar no dia-a-dia novas situações, resultantes de uma interação social mais ampla e da visualização de outros contextos culturais, percebem como pode ser vasto o mundo além montanhas. Coisas comuns do cotidiano, tradições, acontecimentos, objetos, atitudes, podem ser instrumento de novas e interessantes descobertas, incorporando sentidos e significados outrora não percebidos. Essas possibilidades oriundas da cultura são percebidas, entendidas e/ou compreendidas pelos indivíduos que buscam extrair delas o máximo benefício. As organizações pesquisadas, a exemplo de muitas outras existentes em Minas Gerais, foram criadas com base nessa premissa. São resultantes de trajetórias pessoais em prol da arte e da cultura e canalizaram suas ações para a minoração dos efeitos perversos da exclusão social, constituindo uma forma de “*ação solidária dos integrados para com os excluídos, como um meio para a*

construção de uma cidadania mais abrangente e como uma base ética para a sociedade civil". (SCHERER-WARRER, 1993:6). Isto pode explicar em parte porque as pessoas ao despertarem para a participação em atividades culturais coletivas, como é o caso da música, do teatro, da dança etc. passam a fazer dessas atividades parte importante das suas existências, como o músico Antônio Bárbara de Oliveira – presidente da Sociedade Musical Santa Cecília – que há 52 anos tem na atividade musical seu ponto de equilíbrio, como os artistas que raramente deixam de fazer arte, qualquer que seja sua área de atuação.

Os empreendedores dessas ações são em geral pessoas de alguma forma ligadas às manifestações artísticas e que fazem seu trabalho por prazer. Abdicam de seus horários de descanso, consomem recursos pessoais, dedicam horas de trabalho às vezes sem remuneração, acumulam as tensões geradas pelos relacionamentos intra e inter-institucionais, desenham projetos, percorrem órgãos públicos em busca de recursos enfim, movem as engrenagens da produção cultural inclusiva que tem possibilitado a muitos novas possibilidades de crescimento pessoal, nos campos social, educacional e mesmo econômico, o que em suma reverte em benefícios para toda a sociedade. Para essas pessoas, dotadas de uma solidariedade cujo entusiasmo romântico minimiza as deficiências estruturais que enfrentam em suas jornadas, a cultura – e logo a ampla gama de recursos imateriais que ela encerra – é um bem ao qual todos devem ter acesso, o que suas ações intentam possibilitar.

No Brasil a cada ano milhões de reais são gastos por empresas públicas e privadas para patrocinar projetos culturais. A legislação vigente permite a essas empresas abaterem das suas contribuições o dinheiro gasto, o que para elas significa que investir em cultura é um investimento, refletido diretamente na imagem das empresas perante o público e perante seus investidores. Nos últimos anos grandes empresas nacionais e órgãos públicos – dentre as quais Petrobras, Correios, Cemig, BNDES, Natura e Votorantim – passaram a publicar seus próprios editais para seleção de projetos a serem beneficiados com esses recursos. Um dos requisitos em geral considerados na seleção dos projetos inscritos é a contrapartida social, que deve ser explicitada de forma clara na justificativa e nos objetivos dos projetos propostos. Isso revela um entendimento, por parte dessas organizações, da cultura como fomentadora de desenvolvimento social, em concordância com a opinião dos indivíduos pesquisados.

Podem-se apontar como exemplos bem sucedidos de ações, como as aqui estudadas, o grupo Balé de Rua, de Uberlândia, no Triângulo Mineiro, que tem realizado apresentações ao redor do mundo, sendo referência internacional na área, o Coral das

Lavadeiras do Vale do Jequitinhonha, o Grupo Meninas de Sinhá do Aluo Vera Cruz, em Belo Horizonte, o projeto *AfroReggae* do Rio de Janeiro, cujas iniciativas têm sido exportadas para diversos países, a Orquestra Jovem de Contagem, que em 2007 possuía mais de quinhentos alunos na rede pública de ensino e tem no currículo apresentações em diversos estados brasileiros e na França, Holanda, Espanha e Itália, o grupo Oficina Tambolelé, de Belo Horizonte, que promove a socialização de centenas de pessoas na região noroeste da cidade, dentre muitas outras iniciativas.

Como afirmou Martine XIBERRAS

“(...) Os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas no mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural.”
(1999:17).

O reconhecimento desses valores configura-se como o primeiro passo para a assunção de uma identidade, criando uma sensação de pertencimento que tende a se ampliar para esferas cada vez maiores, transpondo as fronteiras da estratificação social, pois, como afirmou o Jornalista Alexandre Machado¹, *“as pessoas se reconhecem pela cultura que ostentam”*.

A exclusão social é um fenômeno comprovadamente negativo, tendendo a ser duradouro caso as camadas atingidas não possuam instrumentos para contraporem-se a ela. As condições de precariedade às quais em geral estão submetidas – e que nem sempre se medem pela renda familiar – não lhes permite acessar os instrumentos para essa contraposição. Determinados projetos e ações sociais buscam em certa medida disponibilizar alguns instrumentos, principalmente no campo das aquisições imateriais, que lhes permitam romper com as limitações impostas pela exclusão, minorando e/ou revertendo seus efeitos a médio e longo prazo. Tais ações, quando realizadas com base nas atividades culturais, têm a característica de atuar sobre aqueles efeitos psicológicos da exclusão, fomentando o crescimento pessoal dos indivíduos a partir do desenvolvimento da intelectualidade, da sensibilidade, do senso de responsabilidade, da solidariedade, da praticidade, do senso crítico e de outros fatores da personalidade que lhes possibilitam atuarem por sua vez na transformação do meio em que vivem.

¹ Em seu programa *Roda Viva*, exibido pela TV Cultura em 2 de junho de 2008, ocasião em que era entrevistado o Presidente da Fundação Nacional do Índio, Márcio Meira.

Ao buscar a redução da exclusão social, essas ações atuam diretamente na promoção da valorização dos indivíduos enquanto sujeitos dos processos sociais e culturais dos quais têm sido historicamente excluídos, com reflexos importantes no mercado de trabalho e no campo das realizações pessoais, na formação das famílias, no nível educacional, na participação política e na ecologia. Nessa perspectiva, a utilização das atividades culturais enquanto instrumento de trabalho nos projetos sociais pode aumentar as possibilidades de êxito desses projetos, principalmente por proporcionar benefícios pessoais de caráter permanente, o que as ações meramente assistenciais geralmente não têm condições de realizar.

Essas possibilidades devem ser consideradas quando da avaliação de projetos e ações similares, já que seus resultados não necessariamente podem ser mensurados pelos números que apresentam. Potencializar a ação de pequenos grupos ou de indivíduos em determinadas comunidades pode ter mais peso do que oferecer um benefício temporário específico para muitas pessoas, na medida em que as intervenções que esses grupos e indivíduos podem realizar a longo prazo nas comunidades podem gerar realizações concretamente mais importantes para todos, numa reação em cadeia que tende a maximizar os efeitos inicialmente almejados por esses projetos¹.

No entanto, nem sempre os projetos culturais conseguem obter o êxito esperado por seus idealizadores. As organizações têm enfrentado várias dificuldades nas ações iniciadas que vão desde a questão infraestrutural, como indisponibilidade de recursos e planejamento falho, à não adaptação das atividades à realidade do público-alvo, ao ambiente muitas vezes hostil, à falta de cooperação das autoridades constituídas e das instituições públicas etc., tendo que ser revistas, interrompidas ou canceladas. Isso pode representar tanto um prejuízo, na medida em que insere o fator *fracasso* no currículo dessas entidades e interfere nas relações de confiança nem sempre facilmente estabelecidas, como um crescimento, ao possibilitar revisões importantes nas metodologias, linguagens e estratégias adotadas, o que pode resultar posteriormente em ações melhor estruturadas.

Se, como observa CASTEL, os beneficiários “(...) *permanecem lá onde estão*”, ou seja, na zona da vida social caracterizada pelo déficit em relação ao trabalho e à integração social, não se pode negar (e ele próprio não o faz) que essas ações são importantes e podem proporcionar uma melhoria das condições de vida dessas pessoas. Seu alerta a respeito da

¹ Podem-se citar como exemplos o elevado número de alunos da Sociedade Musical Santa Cecília aprovados em exames vestibulares nas escolas de música de orquestras de Belo Horizonte, bem como o fato de alguns dos alunos da Oficina Tambores Gerais terem retomado os estudos durante sua participação nas atividades.

“luta contra a exclusão” vir a transformar-se em um pronto-socorro social, isto é, “*intervir aqui e ali para reparar as rupturas do tecido social*” não deixa de ser válido, já que as ações que compõem essa luta não são em geral acompanhadas por políticas permanentes de combate à exclusão¹.

Como observa Bertrand SCHARTZ (1981), “Nós não temos a ingenuidade de acreditar que as pequenas equipes locais, mesmo numerosas, têm a capacidade para resolver problemas profissionais, culturais e sociais dos jovens”. CASTEL completa: “As ações de inserção são essencialmente operações de reposição para preparar dias melhores.” (2003:27) Mas para muitos, senão para todos os seus beneficiários, os dias já são melhores com simples a existência dessas ações.

¹ Um exemplo dessa ausência de políticas mais incisivas é caso dos deficientes físicos, cuja inserção no mercado de trabalho nos últimos anos tem sido amparada pela legislação, mas ações práticas no sentido de reduzir as barreiras físicas que eles enfrentam no dia-a-dia não têm sido efetivadas.

REFERÊNCIAS

- BARROCA, Sandra. Entre Pneus e Livros. In: Jornal Diário da Tarde. Caderno Cidades. Belo Horizonte: Diários Associados, 2005. (25 de janeiro)
- BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela. Refletindo sobre a noção de exclusão social. Serviço Social & Sociedade. São Paulo: Cortez, 1997 (ano XVIII, nº. 55)
- BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. A África está em nós: história e cultura afro-brasileira. João Pessoa: Ed. Grafset, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Reprodução Cultural e Reprodução Social*. In: A economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp. 295-311
- _____. *Capital Cultural, Escuela y Espacio social*. México: Siglo Vientiuno Editores, 1997.
- CAMARGOS, Daniel. Folhinha fora de época. In: Jornal Estado de Minas. Caderno Veículos. Belo Horizonte: Diários Associados, 2005. (5 de maio)
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.) Avaliação: Construindo Parâmetros das ações socioeducativas. São Paulo: Cenpec, 2005.
- CASCUDO, L. da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Brasília: INL, 1972.
- _____. *Made in África*. 4ª ed. – São Paulo:Global, 2002.
- CASSIRES, Ernest. Ensaio Sobre o Homem. São Paulo: Martins fontes, 1994.
- CASTEL, Robert. “*Les pièges de l’exclusion*”, *Y a-t-il des exclus?* In: *L’exclusion en Debat. Lien Social et Politiques*. Paris-Quebec: RIAC, 1995.
- CASTRO, Fernanda. A Borrachaloteca: A inusitada mistura de livros e pneus que atrai leitores e escolas em Minas Gerais. In: Retrato: A Educação por outro lado. Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, 2008 Ano XXIII nº. 212.
- COLLECTIF. *Le RMI à l’épreuve des faits*. Paris: Fayard, 1995.
- CUNHA, Newton. Dicionário Sesc: a linguagem da cultura. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 2002.
- DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- _____. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. 6^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- DINIZ, Margareth e VASCONCELOS, Renata Nunes (orgs.) *Pluralidade Cultural e Inclusão na formação de professoras e professores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004 (Série Educador em Formação)
- ECHERRÍA, Javier Iguñiz. *Definiciones de desarrollo y experiencias de género. Apuntes desde la perspectiva de Sem*. In: Henriquez (ed.) *Uncrucijadas del saber. Los estudios degénero en las ciencias sociales*. Lima: PUC del Perú, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio – Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual Para Normalização de Publicações Técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, 5^a ed.
- FRANCO, Eduardo. *Livros + pneus = borrachaliteca*. In: *Jornal de Opinião*. Belo Horizonte: Mitra, 2005. Ano 16 n°. 814
- GOLDBERG, Simone. *O AfroReggae Ganha o Mundo*. In: *Revista Tam Magazine*. São Paulo: Spring Comunicações/TAM: 2007. Ano 4 n°. 40 (junho).
- GOMÁ, Ricard. *Processos de exclusão e políticas de inclusão social*. In: CARNEIRO, Carla B. e COSTA, Bruno L. D. *Gestão Social: o que há de novo*. Belo Horizonte: FJP, 2004.
- GRASS, Yonne de Souza & MARTINS, Fábio. *Herança negra de liberdade e exclusão*, In: HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GUIMARÃES, Thiago. *Borracharia vira biblioteca na Grande Belo Horizonte*. In: *Jornal Folha de São Paulo*. São Paulo: Folha, 2005. (13 de fevereiro)
- KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. LAMOUNIER, Bolívar, WEFFORT, Francisco & BENEVIDES, Maria Victoria (orgs.). *Direito, Cidadania e Participação*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- LENOIR, René. *Les Exclus*. Paris: Le Souil, 1974
- LODY, Raul Giovanni da Motta. *Cabelos de Axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.
- MARTINS, Saul. *Folclore Brasileiro: Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1982.
- MATA, Jaqueline da. *Literatura e conhecimento abrigados em borracharia*. In: *Jornal Hoje Em Dia. Caderno Educação*. Belo Horizonte: Ediminas, 2005. (14 de abril)

- MAXIMIANO, Antonio Cesara Amaru. *Administração de Projetos Sociais: como transformar ideias em resultados*. São Paulo: Editora Atlas, 1997.
- MENEZES, Débora. A idade das letras. In: *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, 2008. Edição Especial nº. 18.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. Modernidade ética: um desafio para vencer a lógica perversa da exclusão. In: *Proposta*, ano 23 nº. 65, jun. Rio de Janeiro: Fase, 1995.
- NIETZCHE, Friedrich Wilhelm. *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. Trad., notas e posfácio de Jacó Guinsburg. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Arte. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.
- PAUGAM, Serge. *La desqualification sociale. Essaie sur l nouvelle pauvreté*. Paris: PUF, 1991.
- _____. *La société française et ses pauvres. L'expérience du Revenu Minimum d'Insertion*. Paris: PUF, 1993.
- PASSOS, Zoroastro Viana. *Em Torno da História de Sabará*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1942. Volume II.
- PIRANDELLO, Luigi. *On umor*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1960.
- ROMEIRO, Adriana. Uma guerra no Sertão. In: *Revista Nossa História*., São Paulo: Vera cruz, 2005. Ano 3 nº. 25 .
- _____. A febre do Ouro. In: *Revista Nossa História*., São Paulo: Vera cruz, 2006. Ano 3 nº. 36.
- ROMEU, Gabriela & POLATO, Amanda. Em barcos, em ônibus, em malas e em mulas: descubra como os livros têm viajado até as crianças. In: *Jornal Folha de São Paulo*. Caderno Folhinha – Livros. São Paulo: Folha, 2006. (4 de outubro)
- SAGAWA, Bader (org.) *As Artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999. 3ª ed.
- SANTANA, Sylvana de Castro Pessoa & SOUZA, Nícia Raies Moreira de Souza. Luzes da Ribalta: em cena o incentivo empresarial à cultura mineira. In: *Cadernos CEHC - Série Cultura*, nº 11. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2004.
- SANTA ROSA, Antonio. *Conhecendo o Sabarabussú*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1947.

- SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Religiosidade, identidade negra e educação: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997. (Impresso)
- SCHARTZ, Bertrand. *L'insertion sociale et professionnelle des jeunes*. Paris: La Documentation Française, 1981.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Redes de Movimentos Sociais. São Paulo: Loyola, 1993.
- SCHILLER, Friedrich. A Educação Estética do Homem Numa Série de Cartas. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/Dep. do Patrimônio Histórico. O direito à memória - patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH. 1992, p. 27.
- SEN, Amartya. Development capability expansion. *Journal of development Planning*. Nº.19 p. 44. New York, 1989 (trad. de Echeverría).
- SILVA, Ricardo José Camêlo da. Arte, conhecimento e verdade no pensamento do jovem Nietzsche. Belo Horizonte: Fafich-UFMG, 2003. (dissertação)
- SOUZA, José Pedro Galvão de, CARVALHO, José Fraga Teixeira de & GARCIA, Clóvis Lema. Dicionário de Política. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.
- TEIXEIRA, Elenaldo. O local e o global: limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 53-92
- TRINDADE, Azoilda Loretto da & SANTOS, Rafael dos (orgs.). Multiculturalismo: mil e uma faces da escola. 3ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- TYLOR, Edward Burnett. *Primitive Culture: Researches Into The Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art and Custom*. London: Murray, 1871 (2 vols.)
- VITA, Álvaro de. Uma concepção Liberal-igualitária de Justiça Distributiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 14 nº 39. fev./1999.
- _____. Justiça Distributiva: A Crítica de Sen a Rawls. Dados, vol. 42 nº. 3. Rio de Janeiro: s/e, 1999.
- WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O social, a pobreza e o descompromisso governamental. In: Revista Pauta, ano I nº. 1. Brasília: INESC, 1999.
- _____. Enigmas do social. In: BÓGUS, Lúcia; YAZBEK, Maria Carmelita & BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela (orgs.) Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 2000.
- XIBERRAS, Martine. *Les théories de l'exclusion*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1994.

APÊNDICE

Tabela 1

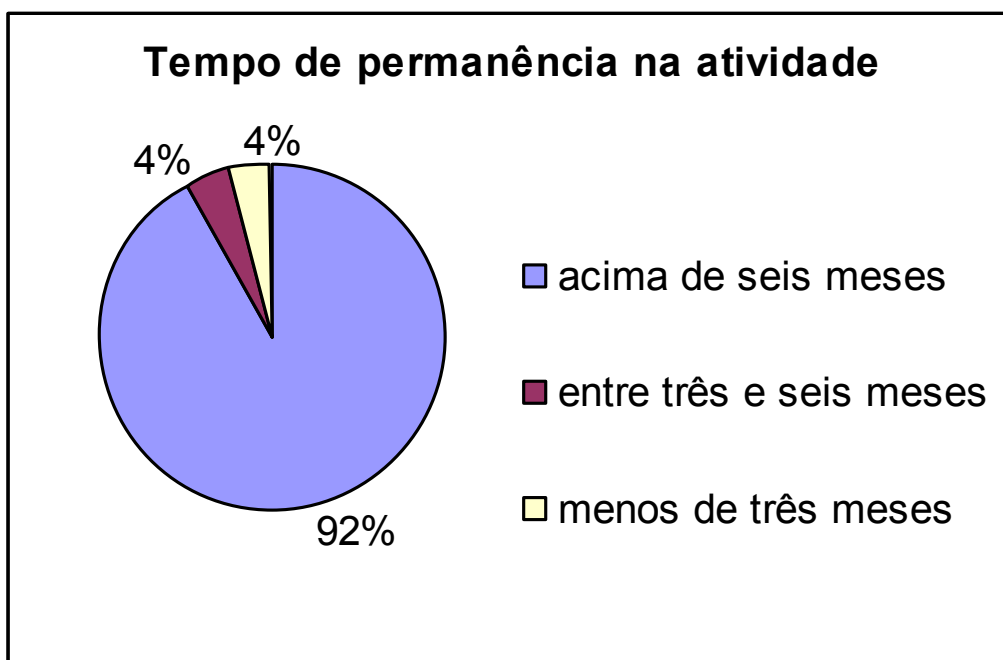


Tabela 2

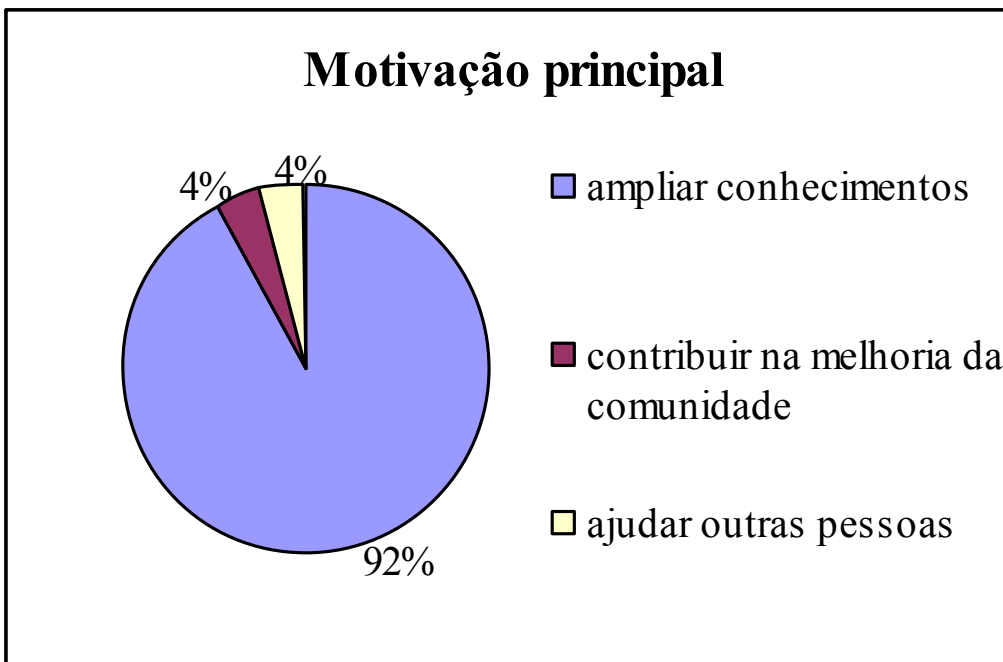


Tabela 3

Outras motivações

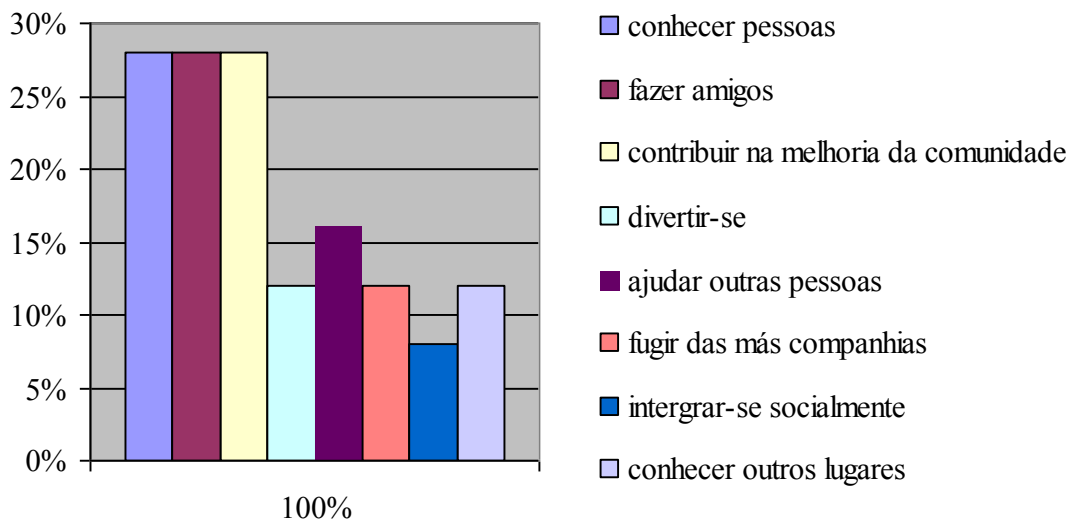


Tabela 4

Benefícios informados

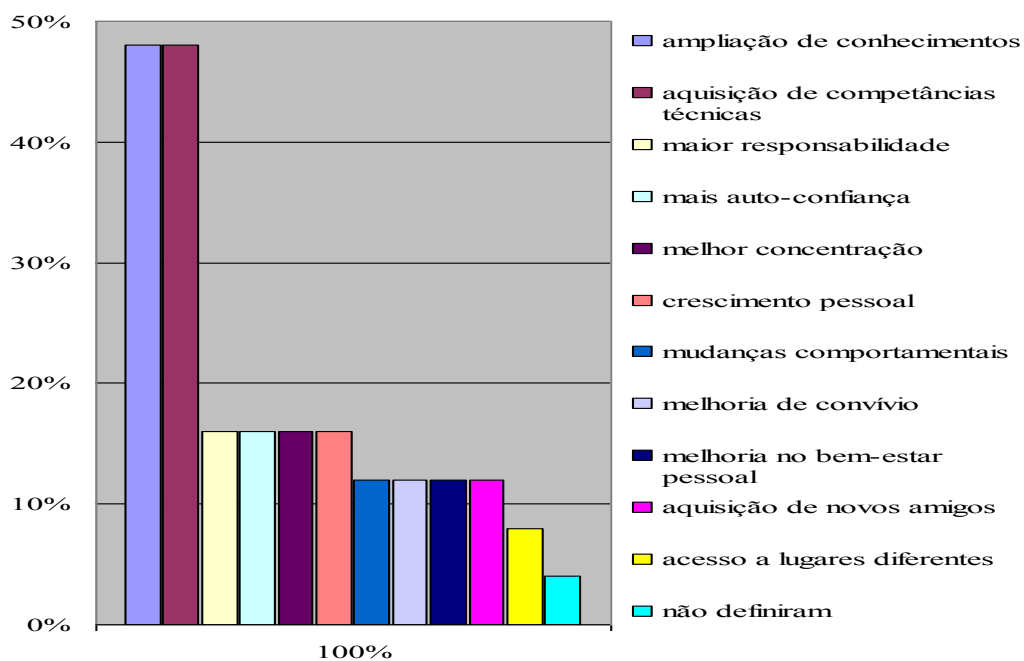
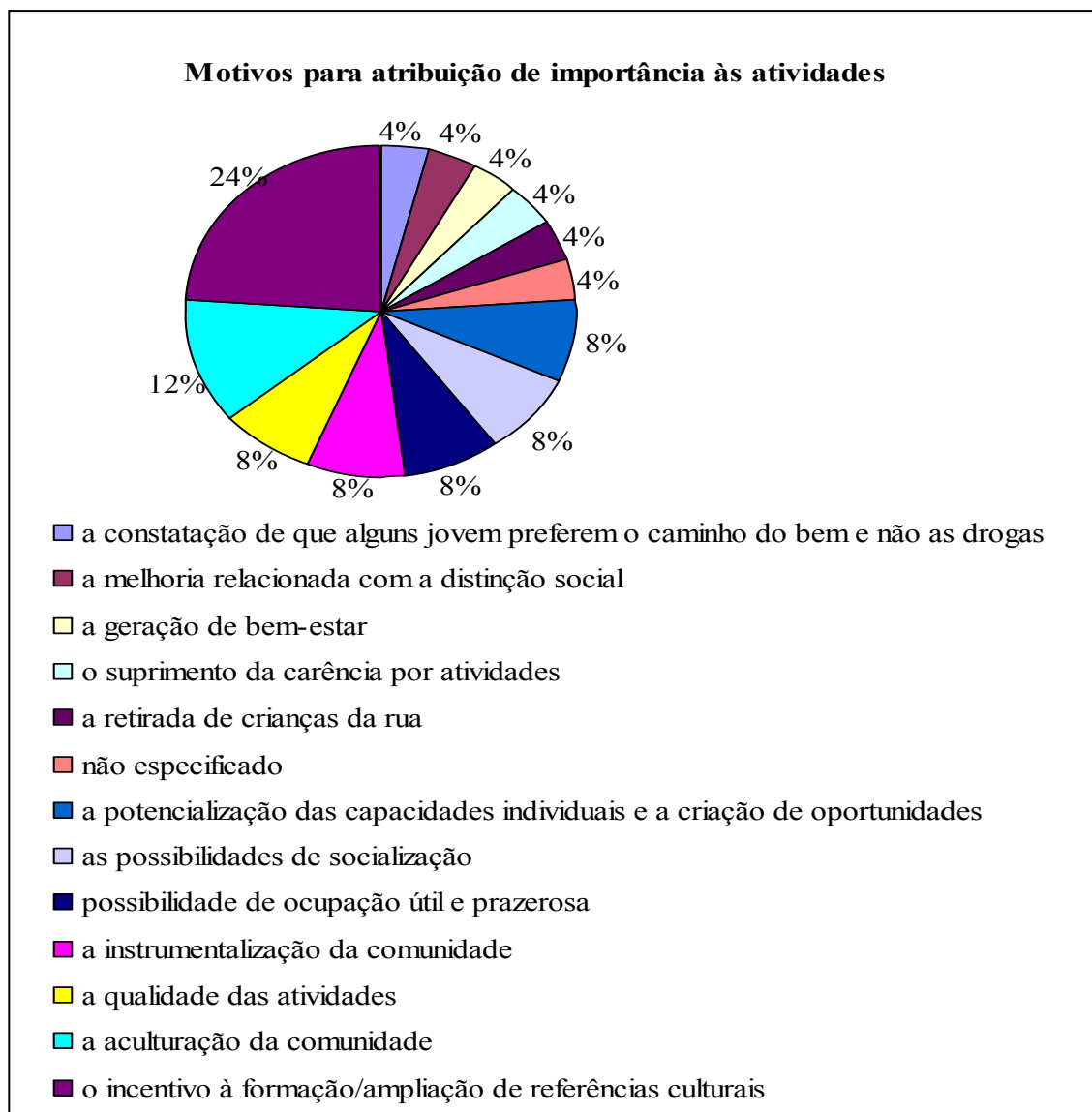


Tabela 5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CENTRO DE PESQUISA E CAPACITAÇÃO EM PROGRAMAS SOCIAIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM ELABORAÇÃO, GESTÃO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS
SOCIAIS EM ÁREAS URBANAS

ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
JORGE SEBASTIÃO DOS SANTOS

Tema: A importância da cultura para o indivíduo e para a comunidade

Nome (opcional): _____

Idade: _____ anos

Profissão: _____

Questões

1. Você participa das atividades da Borrachaloteca para:

- satisfazer aos pais/responsáveis;
- ampliar seus conhecimentos;
- conhecer pessoas e fazer amigos;
- ajudar outras pessoas;
- sair de casa;
- conhecer outros lugares;
- contribuir na melhoria da comunidade;
- divertir-se.
- Outro: _____.

2. A participação nas atividades trouxe-lhe algum benefício (provocou alguma mudança positiva em sua vida)?

Sim Qual(is)?: _____

 Não.

3. Você acha que as atividades desenvolvidas pela entidade são importantes para a comunidade onde você vive [e para sua cidade]?

Sim. Por quê? _____

 Não.

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
 DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
 CENTRO DE PESQUISA E CAPACITAÇÃO EM PROGRAMAS SOCIAIS
 PÓS-GRADUAÇÃO EM ELABORAÇÃO, GESTÃO E AVALIAÇÃO
 DE PROJETOS SOCIAIS EM ÁREAS URBANAS
 ELABORAÇÃO DE MONOGRAFIA
 JORGE SEBASTIÃO DOS SANTOS

Tema: A importância da cultura para o indivíduo e para a comunidade

Nome (opcional): _____

Idade: _____ anos Profissão: _____

Questões

1. Há quanto tempo você participa das atividades do programa “Fica Vivo”?

- 0 a 3 meses
 3 a 6 meses
 acima de 6 meses

2. Como você se envolveu com o programa “Fica Vivo!” ?

- por indicação de amigos;
 inscrito por pais/responsáveis;
 por interesse próprio;
 por orientação de professores/orientadores escolares;
 por determinação da Justiça;
 por orientação do Conselho Tutelar;
 Outros: _____.

3. Você participa das atividades do programa “Fica Vivo!” para:

- ampliar seus conhecimentos; satisfazer aos pais/responsáveis;
 conhecer outros lugares; conhecer pessoas e fazer amigos;
 divertir-se; contribuir na melhoria da comunidade;
 ajudar outras pessoas; fugir das más companhias;
 Outro: _____.

4. A participação nas atividades trouxe-lhe algum benefício (provocou alguma mudança positiva em sua vida)?

Sim Qual(is)?: _____

Não.

5. Você acha que as atividades desenvolvidas pela entidade são importantes para a comunidade onde você vive [e para sua cidade]?

Sim. Por quê? _____

Não.